

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (UAECSA)

ISABELLA SANDOVAL DA ROCHA LAVIGNE

Imagens por uma paisagem transitória: encontros entre o rural e o urbano

Goiás – Goiás
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Isabella Sandoval da Rocha Lavigne

Título do trabalho: Imagens por uma paisagem transitória: encontros entre o rural e o urbano

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Gabriel Teixeira Ramos, Professor do Magistério Superior**, em 20/05/2026, às 14:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Isabella Sandoval Da Rocha Lavigne, Discente**, em 21/05/2026, às 08:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6208669** e o código CRC **274FF7EC**.

ISABELLA SANDOVAL DA ROCHA LAVIGNE

Imagens por uma paisagem transitória: encontros entre o rural e o urbano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo, da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas (UAECSA), da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Prof. Dr. Gabriel Teixeira Ramos

Goiás, Goiás
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lavigne, Isabella Sandoval da Rocha

Imagens por uma paisagem transitória: [manuscrito] : encontros entre o rural e o urbano / Isabella Sandoval da Rocha Lavigne. - 2025. 86 f.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Teixeira Ramos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas, Arquitetura e Urbanismo, Cidade de Goiás, 2025.

Bibliografia. Anexos.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Paisagem. 2. Rural. 3. Urbano . 4. Senador Canedo. 5. Imagens. I. Ramos, Gabriel Teixeira, orient. II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dez dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e cinco iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II) intitulado “Imagens por uma paisagem transitória: encontros entre o rural e o urbano”, de autoria de Isabella Sandoval da Rocha Lavigne, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais Aplicadas do Câmpus Goiás da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo Dr. Gabriel Teixeira Ramos – orientador (UAECSA/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Ana Flávia Maximiano Maru(UAECSA/UFG) e Júlia França de Melo (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. A banca considerou a relevância do trabalho, no entanto, há algumas importantes marcações que ficaram ausentes, como uma melhor conceituação entre rural e urbano, um maior desenvolvimento da introdução e uma utilização mais efetiva das imagens. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 8,5, tendo sido o TCC II considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Gabriel Teixeira Ramos, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2025, às 14:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Flavia Maximiano Maru, Professora do Magistério Superior-Substituta**, em 10/12/2025, às 15:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5829356** e o código CRC **41A29BFD**.

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, que me guiaram e fizeram todo o possível para que eu chegasse até aqui. Sem o apoio e o amor deles, nunca teria tido forças para chegar tão longe. Muito obrigada por terem sempre me incentivado a evoluir, terem confiado tanto em mim e me respeitarem, amo vocês! Prometo fazer todos os sacrifícios que fizeram valerem a pena.

Gostaria de agradecer ao meu orientador, dr. Professor Gabriel Teixeira Ramos, por ter feito muito mais do que me auxiliado nessa jornada. Por ter me ajudado a me encontrar nessa pesquisa, me aberto os olhos para tantas oportunidades e caminhos que fogem do tradicional e do óbvio. Graças a você, o processo de execução deste trabalho foi muito mais interessante e estimulante do que pensei que seria. Serei sempre imensamente grata!

Também gostaria de agradecer aos meus amigos com quem partilhei esse caminho acadêmico e àqueles que mantiveram presença na minha vida mesmo à distância, enquanto traçavam os seus próprios. Quando tudo no mundo parecia assustador, estenderam suas mãos, abriram suas casas, compartilhamos comida, compreensão e risadas. Obrigada por nunca deixarem eu me sentir solitária e por fazerem a vida tão interessante.

Uma menção honrosa à minha avó, que partiu cedo demais mas compartilhou comigo seu gosto pela arte, que foi o pontapé inicial para que eu decidisse ingressar em arquitetura. Sinto saudades.

E, bem, por mais estranho que pareça, gostaria de agradecer a mim mesma, à minha versão do passado que não desistiu, mesmo passando pelos piores momentos.

Resumo

O objetivo geral deste trabalho é identificar e investigar como acontecimentos e transformações afetam a paisagem rural e urbana, desde os conceitos à estruturação social hierárquica e de oposição entre elas. Por meio de revisão bibliográfica e estudos de imagens, em primeiro momento, a pesquisa se enfoca no contexto da construção de Goiânia e seu efeito em Senador Canedo, inspirada pelos métodos de Agnès Varda, Didi-Huberman e Ursula Le Guin. Em seguida, produz-se imagens de uma paisagem em transição rural-urbana, entre Goiânia e Senador Canedo, e realiza-se uma crítica visual, apresentando-se tensionamentos visuais.

Palavras-chave: Paisagem; Rural; Urbano ; Senador Canedo; Imagens.

Abstract

The general objective of this work is to identify and investigate how events and transformations affect the rural and urban landscape, from their concepts to the hierarchical social structure and the opposition between them. Initially, through bibliographic review and image studies, the research focuses on the context of the construction of Goiânia and its effect on Senador Canedo, drawing inspiration from the methods of Agnès Varda, Didi-Huberman, and Ursula Le Guin. Subsequently, images of a rural-urban landscape in transition, between Goiânia and Senador Canedo, are produced, and a visual critique is carried out, presenting visual tensions.

Lista de ilustrações

Figura 1 - Senador Canedo na Região Metropolitana de Goiânia	28
Figura 2 - GOs que passam por Senador Canedo	29
Figura 3 - Residências em Goiânia, meados da década de 1930	35
Figura 4 - Goiânia, meados da década de 1930.	37
Figura 5 - Praça Cívica, meados da década de 1930.	39
Figura 6 - Goiânia, Rancho no qual funcionava a feira livre, ano de 1936	41
Figura 7 - Goiânia, vista aérea da Rua 20 com as casas-tipo para funcionários. Década de 30	44
Figura 8 - Goiânia, década de 1930, esta vista da Avenida Goiás, o Grande Hotel.	46
Figura 9 - Goiânia, Avenida Anhanguera. Década de 1950	48
Figura 10 - Antiga Estação Rodoviária, Avenida Anhanguera, entre os anos 1950 e 1987	49
Figura 11 - Cidades de Entorno de Senador Canedo	54
Figura 12 - Limites do município de Senador Canedo	54
Figura 13 - Imagens Históricas do Local de Estudo	56
Figura 14 - Trajeto Percorrido	57
Figura 15 - Zoom-in 1	62
Figura 16 - Zoom-in 2	64
Figura 17 - Zoom-in 3	66
Figura 18 - Zoom-in 4	68
Figura 19 - Zoom-in 5	72
Figura 20 - Espelhamento.1	75
Figura 21 - Espelhamento.2	76

Sumário

Introdução	11
Justificativa	14
Objetivos	14
Metodologia	15
Capítulo 1 - Relação dicotômica histórica entre rural-urbano.	17
1.1 - Introdução	17
1.2 - O Brasil no contexto da expansão urbana	22
1.3 - Estado de Goiás, a transferência da capital e seu impacto.	23
1.4 - Senador Canedo e seu desenvolvimento.	26
Capítulo 2 - Pensar por imagens na expansão urbana do Cerrado.	31
2.1 - Aprendendo com fotografias	31
2.2 - Exercício de pensar com fotografias.	34
2.3 - Considerações sobre o exercício.	51
Capítulo 3 - O Estudo do Local	53
3.1 - Ida ao local de estudo.	53
3.2 - Trajeto Realizado.	56
3.3 - Relato de se presenciar o local.	57
3.4 - Aquilo que fotografias mostram	59
4. Considerações finais	78

Introdução

O objetivo geral deste trabalho é compreender conceitual e imagetivamente transições de entre uma paisagem rural e urbana. Para tal, investigar os conceitos e discutir acerca da oposição engendrada entre as duas paisagens. Inicialmente, a pesquisa se enfoca no contexto da construção de Goiânia, como cidade planejada, e a influência de seu efeito de suas regiões metropolitanas, em especial Senador Canedo, por meio de leituras analíticas, proposições fabulatórias, idas a campo e produção fotográfica.

Nesse sentido, interessa-nos o estudo de uma forjada separação entre rural e urbano, destacando o desenvolvimento da ideia por meio de uma divisão histórica, não possuindo uma origem única ou um ponto de partida que possa ser considerado definitivo. Isso se torna mais evidente ao considerarmos as distintas localizações geográficas, culturas, conflitos e eventos que formaram as histórias de cada civilização humana. Para compreensão dos acontecimentos, analisaremos os contextos pelos quais cada povo e cada local foi submetido, tendo como recorte a sociedade ocidental.

Dessa forma, consideramos a posição do Brasil, como um país da América do Sul, colonizado por um país europeu por 322 anos, como aponta Fausto, historiador e cientista político brasileiro, em seu livro “História do Brasil” (1995, p. 11-12). Nele, o autor o categoriza como o único país americano que adotou a monarquia como regime político após sua independência, cuja população permaneceu majoritariamente rural até o grande êxodo que se iniciou na década de 1960 (Idem, pp. 400-410).

Ao levar isso em consideração, podemos afirmar que o Brasil foi submetido à cultura e aos ideais de seu colonizador e privado da influência de outras culturas e modos de vida, incluindo a dos seus próprios povos nativos, a dos povos escravizados trazidos da África e a de imigrantes não europeus. Por ter sido colonizado, foi moldado de acordo com a ideologia do povo dominante, mesmo com a presença da diversidade de povos, originários ou para ele trazidos através

da força ou pela própria necessidade, já que a posição de Portugal figurou com autoridade e poder de um ponto de vista eurocentrista, que influenciou na formação do Brasil.

Em consequência disso, neste trabalho, analisamos primeiramente pontos na história europeia que se destacaram pela divisão entre o urbano e rural, como síntese daquela entre ser humano e natureza. Dois momentos históricos europeus escolhidos para a execução dessa análise foram aqueles em que a divisão entre essas paisagens foi mais evidente, ao apresentarem características que posteriormente auxiliaram na conceituação de urbano e rural: o desenvolvimento dos burgos durante a Baixa Idade Média (sécs. V a XV) e a Revolução Industrial (fim do século XVIII ao século XIX).

Após isso, aproximamo-nos do contexto da industrialização brasileira, com sua chegada tardia, em comparação à de sua antiga metrópole, trazendo consigo a mudança na estrutura do país, em meio à mecanização dos campos e à necessidade de mão-de-obra nas cidades. Analisamos, com suas devidas separações – uma vez que os momentos não ocorreram de maneira dependente ou decorrente entre si – a industrialização inglesa e a brasileira, buscando compreender as diferentes paisagens e seus respectivos períodos. A partir deste ponto, alcançamos o contexto da chegada da indústria até a região Centro-Oeste, em específico, em Goiânia e sua região metropolitana, sobretudo parte da que se relaciona diretamente com o município de Senador Canedo, área de estudo deste trabalho.

Neste contexto, apresentamos um breve histórico de Goiânia, as razões pelas quais foi criada, substituindo a capital anterior, Goiás, com o mesmo nome do estado). Além da motivação da sua criação, indicamos ainda a escolha da sua localização, do processo de construção, assim como isso afetou os municípios mais próximos e como ainda os influencia. Isso a fim de partirmos então para uma contextualização do município de Senador Canedo, sua formação, significância e relação com a capital do estado. Se tratando de uma cidade satélite cujo o crescimento rápido a aproxima cada vez mais de Goiânia, principalmente sob a influência de especulação imobiliária, regiões nomeadas como “zonas de

transição” se manifestam e clamam por atenção, uma delas sendo a zona de estudo deste trabalho.

Com isso, em sequência, propomos um exercício crítico-visual, realizado a partir de fotografias da construção e urbanização da capital do estado de Goiás. Com inspiração em trabalhos de Didi-Huberman e Agnès Varda, que fazem uso da observação atenta e da imaginação como ferramentas capazes de extrair fatos históricos não presentes em registros verbais, além de gerar observações e questionamentos sobre o assunto. Este exercício busca permitir-nos visualizar os encontros entre rural e urbano em Goiânia, com a observação da paisagem e sua modificação.

Dessa forma, apresentamos o local de estudo a partir do exercício realizado, no contexto das relações rural-urbanas. Para a continuidade da execução deste trabalho, visitas a campo foram realizadas a fim de ter uma compreensão e conexão mais ampliada com o local de estudo, além de terem sido fundamentais para a produção de imagens, uma vez que nos deparamos com a ausência de arquivos visuais históricos do lugar, sobretudo devido ao contexto em que o local de estudo está inserido. Desse modo, a partir de um relato e da captação de registros visuais, a realização de exercícios com as imagens ocorre de maneira a reverter o papel de observador da imagem, revelando como a relação dicotômica entre rural e urbano se trata de uma ideia errônea.

Justificativa

A divisão, forjada, dos espaços em rural e urbano aparenta ser algo simples ao se olhar superficialmente. Porém, ao adicionarmos mais atenção ao assunto e iniciarmos questionamentos, podemos perceber que a ideia dicotômica de rural e urbano é falsa, e a observação da paisagem pode contar como uma catalisadora para o surgimento das perguntas.

O que é possível de se identificar na paisagem que evidencia os contrastes o rural e o urbano? Como determinados elementos impactam sobre a paisagem de maneira a defini-la? Existem características exclusivamente urbanas ou exclusivamente rurais? Apostamos que perguntas como essas podem ser significativas para entendermos o porquê dessa aparente separação entre rural e urbano existir. Nesse sentido, acreditamos que devemos também fazê-lo para compreendermos porque isso se evidencia mais na região metropolitana de Goiânia, conhecida por sua relação histórica singular com o que é considerado rural e urbano.

Ao estarmos próximos a uma “zona de transição”, que serão os pontos de análise deste trabalho, nos é permitida uma maior clareza sobre as nuances dessa divisão ilusória. Com estudo contextual, imaginativo e imagético sobre esses locais, buscamos encontrar algumas respostas de maneira mais poética e sensível.

Objetivos

Geral

O objetivo geral deste trabalho é compreender conceitual e imagetivamente transições de entre uma paisagem rural e urbana. Para tal, investigar os conceitos

e discutir acerca da oposição engendrada entre as duas paisagens. Inicialmente, a pesquisa se enfoca no contexto da construção de Goiânia, como cidade planejada, e a influência de seu efeito de suas regiões metropolitanas, em especial Senador Canedo, por meio de leituras analíticas, proposições fabulatórias, idas a campo e produção fotográfica.

Para chegar a esse fim, será necessário identificar situações de transformações de rural para urbano.

Específicos

Como objetivos específicos necessários para que cheguemos à conclusão do objetivo geral, seriam: Identificar e apresentar situações de transformações de rural para urbano e analisar a relação entre o rural e o urbano através da paisagem.

Metodologia

As maneiras escolhidas para cumprir os objetivos foram: a abordagem bibliográfica consiste na revisão de obras teóricas, artigos científicos, reproduções consolidadas sobre o tema, permitindo a fundamentação crítica de problemas do passado e do presente; a análise documental se volta para a interpretação de registros visuais (históricos e atuais) de maneira inspirada aos métodos de Agnès Varda, Didi-Huberman, a fim de levantar mais fatos, questionamentos e críticas. Esses procedimentos são aplicados de forma integrada: desde a delimitação do marcos teóricos até a formulação de conclusões.

Através de um recorte espacial num trecho que está passando por uma transição de espaço rural para urbano em Senador Canedo, com as características visuais e sociais rurais sendo tensionadas pelas urbanas, será exercida a fabulação, método que faz uso da imaginação como ferramenta, de maneira semelhante a Ursula Le

Guin. A fabulação como método que permite preenchimento de lacunas históricas, interpretações da realidade e de suas possibilidades de maneira a responder à pergunta do objetivo geral deste trabalho.

Ademais, o uso de recursos fotográficos, desenvolvidas a partir de idas a campo, de modo a desenvolver o traçado final deste trabalho e acompanhar os processos que ocorrem no local de estudo escolhido, assim como identificar características do local, de maneira a captar os aspectos rurais-urbanos do espaço geográfico selecionado.

Capítulo 1 - Relação dicotômica histórica entre rural-urbano.

1.1 - Introdução

Este capítulo tem como objetivo contextualizarmos como ocorre a aparente divisão entre o rural, tanto no âmbito paisagístico quanto no social, as funções atreladas a ambos os espaços, de acordo com as características e objetivos da sociedade e da política de cada época.

No início da civilização humana, há informações de que os seres humanos eram nômades, coletores, que se alimentavam daquilo que encontravam pelos caminhos que percorriam. Essa evolução muitas vezes associada desenvolvimento de armas pela espécie humana, mas autoras como Ursula Le Guin defendem outros pontos de vista além desse, como em seu texto "A teoria da bolsa da ficção" (1986), em que teoriza e fabula sobre a evolução humana por meio das bolsas para armazenamento e coleta, elementos também essenciais para que a evolução ocorresse, porém frequentemente tendo sua importância ignorada ou esquecida. Elementos que auxiliaram no assentamento de grupos humanos e no abandono de vidas nômades.

Paulatinamente, e ao seu próprio tempo, os diversos grupos de humanos descobriram a prática da agricultura e da pecuária, a de produzir o próprio alimento a partir da terra e da domesticação de animais. Essas práticas trouxeram a necessidade de sedentarização, uma vez que:

Do amanhecer ao entardecer, os humanos espalharam sementes, aguavam plantas, arrancavam ervas do solo e conduziam ovelhas aos pastos escolhidos. Esse trabalho, planejado, forneceria mais frutas, grãos e carne. Foi uma

revolução na maneira como os humanos viviam. (HARARI, 2014, p.79)

Com o passar do tempo, com as descobertas realizadas conforme a espécie foi se desenvolvendo, o número de ser humanos foi crescendo e se espalhando pelo planeta, grupos passaram a se desenvolver a sua própria maneira, adquirindo características próprias, rivalidades com outros e se adaptando como podiam ao ambiente ao seu redor. Mesmo que se diferenciasssem, carregavam consigo características em comum, como a tendência para se fixar em e se desenvolverem próximos a fontes de água doce, como rios e lagos. Esses locais, pontos iniciais da fixação de cada povo, com o aumento populacional, se tornaram o que depois ficaram conhecidas como cidades;

Afinal, a história da civilização está intrinsecamente ligada à água – rios, lagos e mares –, não só pela necessidade do insumo fundamental, mas por razões culturais e estéticas. No início do processo de sedentarização das populações, no delta do Euphrates, surgem as primeiras civilizações urbanas, herdeiras da cultura de Samarra, no Crescente Fértil, por volta do VI milênio a.C. (VIOLLET, 2004). Também nos vales do Indus, dos rios Amarelo e Nilo, a partir do V milênio a.C., pequenas vilas se transformam, gradualmente, em cidades, invariavelmente junto aos rios, explorados já por complexos sistemas de irrigação, que exigiram os primeiros esforços do homem no sentido de regular e sistematizar, de forma estrita, o acesso à água. (CARDOSO, BAPTISTA, 2016, p.127)

No início, as cidades e o campo não eram separadas ou destacadas como categorias opostas. Podiam ser notadas diferentes características como os usos dos espaços, os métodos de vida e a concentração de pessoas em determinados locais. Contudo, com o passar do tempo, passaram a ser completamente diferenciadas e divididas, refletindo da separação que temos nos dias atuais. Dois destes eventos que induziram esta diferenciação que afetaram significativamente a história ocidental foram o surgimento dos burgos, durante a Baixa Idade Média

(sécs. V a XV) e o êxodo rural em massa da Revolução Industrial (fim do século XVIII ao século XIX).

Com a Baixa Idade Média (sécs. X a XV), houve o início dos excedentes na agricultura e a redução dos embates com os “bárbaros”, ocorriam feiras, formadas por conjuntos de comerciantes que se reuniam entre as suas viagens. Essas feiras eram formadas por encontros entre comerciantes-viajantes de todos os lugares. Com o aumento desse excedente, se tornou possível criar um mercado em locais fixos. Não só para os comerciantes, mas também para antigos servos que possuíam habilidades e conhecimentos para criação de produtos.

Sobre o ressurgimento urbano e o campo nesse período, ponto de análise neste capítulo, Jacques Le Goff aborda em seu livro “A Civilização do Ocidente Medieval” :

Decerto ainda é difícil determinar, aqui, o que é causa e o que é consequência na íntima relação cidade-campo na Idade Média. As cidades, para nascer, precisaram de um meio rural favorável, mas, à medida que se desenvolviam, exerciam uma atração cada vez maior sobre um entorno agrário dilatado na medida de suas exigências. Grupo de consumidores, que participa apenas marginalmente da produção agrícola (não há realmente plantações no interior da cidade medieval, mas há hortas, cercados de vinhas, que desempenharam um papel nada desprezível na alimentação dos cidadãos), a população urbana precisa se nutrir. Em torno das cidades, os desmatamentos se estendem, a produtividade aumenta, tanto mais porque, de seu subúrbio rural, a cidade não extrai apenas víveres, mas também homens. A emigração do campo para a cidade entre os séculos X e XIV é um dos fenômenos principais da Cristandade. Dos diversos elementos humanos que recebe, a cidade faz uma nova sociedade. Sem dúvida, essa sociedade também pertence à sociedade “feudal” que imaginamos por demais exclusivamente rural (LE GOFF, 2016, p. 54).

Uma sociedade que passou cerca de cinco séculos vivendo de maneira campestre não se livra facilmente dos hábitos que obteve com esse modo de vida, além disso é importante lembrarmos que a história não é rígida nem construída com exatidão. Não houve uma determinada data em que uma determinada quantidade de pessoas saiu de suas casas com o objetivo de passar a viver nas cidades e se tornarem adeptas a um modo de vida completamente diferente; o êxodo foi gradual e causado por decisões e motivações pessoais, embora seja algo que tendemos a esquecer. Como aborda Le Goff, a cidade medieval possui parte significativa da sua força na produção agrícola, elemento sempre associado ao rural ao observarmos a história com olhares atuais.

De fato, durante a Baixa Idade Média (sécs. X a XV) houve o renascer do urbano europeu, contudo não da maneira que o urbano era durante o Império Romano ou precedentemente a ele, retornou com características específicas obtidas pela vivência rural de cinco séculos e mais. Cidades muitas vezes delimitadas por muros, edifícios próximos e força econômica, mas que mantinham contato com a prática do plantio e da criação de animais. Levando isso em consideração, podemos nos questionar: teriam as cidades medievais algo próximo ao equilíbrio entre a relação rural-urbano?

Já durante a Revolução Industrial há a expansão das cidades em grande escala:

Antes da introdução da maquinaria, a fiação e a tecelagem das matérias-primas efectuava-se na própria casa do trabalhador. Mulheres e raparigas fiavam o fio que o homem tecia ou que elas vendiam, quando o chefe de família não o trabalhava. (ENGELS, 1975 p. 32)

A Revolução Industrial (entre o final do século XVIII e o início do século XIX) surgiu na Grã Bretanha. O que não significava necessariamente que ela estivesse tecnologicamente mais avançada do que os demais países na Europa, como afirma Hobsbawm, em “A Era das Revoluções” (1962). Na realidade, experimentava-se um momento favorável para o desenvolvimento rápido e eficiente das indústrias. Este processo, iniciado por volta de 1780, obteve força na

Grã Bretanha, tanto pelas inovações tecnológicas (como a lançadeira, o tear e a fiadeira automática), quanto por fatores sociais, como certo enfraquecimento do poder dos nobres e da monarquia. Isso ocorreu em mais de um século, tendo passado do julgamento de um rei e sua execução pelo povo, que fez com que a nobreza perdesse o status de intocável. Outros fatores foram o alto desenvolvimento dos lucros privados e aquelas que ficaram conhecidas como “Leis de Cercamento” (Conjunto de ações parlamentares britânicas que teve início no século XVII) que obrigaram o êxodo rural, garantiu-se força de trabalho (Idem,1962).

Diferentemente do caso da Idade Média, em que camponeses migraram para os burgos, as dimensões deste êxodo rural em comparação com a Revolução Industrial é mínimo. Não apenas a quantidade de seres humanos havia aumentado exponencialmente, mas as leis de cercamento (que se atualizavam com frequência ao longo dos séculos) permitiram aos antigos senhores feudais cercarem as terras anteriormente definidas como comuns, tomando posse delas e, após isso, consentindo aos proprietários expulsarem camponeses que habitavam as regiões. Forçando, assim, as pessoas a saírem em busca de novos meios de sustento.

Àquela altura,

A agricultura já estava preparada para levar a termo suas três funções fundamentais numa era de industrialização: aumentar a produção e a produtividade de modo a alimentar uma população não agrícola em rápido crescimento; fornecer um grande e crescente Prudente de recrutas em potencial para as cidades e as indústrias; e fornecer um mecanismo para o acúmulo de capital a ser usada nos setores mais modernos da economia. (HOBBSAWM, 1962, p. 40).

Neste momento, o rural é colocado numa posição de latifúndio de abastecimento ao urbano. O motivo da existência do campo passa a ser fornecer matéria prima às indústrias, em uma busca constante por lucro. A partir desse ponto, se

determina pelos próximos anos, nas sociedades influência pelo meio ocidental (as colônias dos países europeus, como o Brasil), a separação rural-urbana e a hierarquia imposta pela industrialização, na qual o papel do campo é atender às necessidades da indústria, uma paisagem praticamente desatrelada da presença humana.

É com a modernidade vinda juntamente com a Primeira Revolução Industrial que podemos notar as características de “divisão” entre rural e urbano. Uma divisão onde se tornam opostos e sem um ponto de equilíbrio, onde perdem a conexão que tinham. Com esse método utilizado pela Inglaterra que se tornou uma potência capitalista ainda maior do que já era, outros países europeus se propuseram a copiar e reproduzir esse método a fim de obter os mesmos resultados e resultados superiores, ou seja, o sistema capitalista da modernidade foi um grande precursor e causador da completa ruptura da conexão rural e urbana? Considerando os resultados apresentados, podemos chegar a conclusão que a resposta para essa pergunta seria : Sim.

Ambos momentos, podemos notar, foram influenciados diretamente pelo desenvolvimento tecnológico humano, assim como o social. Com isso, a paisagem foi modificada contribuindo para a mudança de pensamento, que, por sua vez, afetou a formação do ocidente, principalmente locais que tiveram a cultura originária forçadamente substituída pela cultura de colonizadores, de maneira que, mesmo após a independência, os países continuaram a serem influenciados pelas antigas metrópoles, a fim de se equipararem a elas, que se mostravam figuras de poder e superioridade.

Dessa forma, os ideais divisórios foram adquiridos e reproduzidos, não identicamente, mas à maneira de cada país e região, conforme cada governo buscava a elevação do poder econômico.

1.2 - O Brasil no contexto da expansão urbana

Até a crise de 1929, o Brasil era um país que apenas exportava produtos classificados como matérias-primas e importava produtos de alto valor agregado dos países do Hemisfério Norte. Mas, com a quebra da bolsa de valores nos Estados Unidos, em 1929, evento que afetou a economia mundial, o principal produto vendido pelo Brasil foi cortado pelos os países que costumavam importar. Considerado supérfluo, o café não era uma prioridade em meio à crise econômica que se seguiu por quase uma década, afetando completamente a economia brasileira da época.

A partir de 1930, as cidades brasileiras passaram a se tornar o foco econômico do Estado, uma vez que as novas indústrias ali se estabeleceram. O campo ainda possuía seu destaque, ainda que a industrialização tenha começado a ganhar força.

A centralização estendeu-se também ao campo econômico. O governo Vargas não abandonou e nem poderia abandonar o setor cafeeiro tratou porém de concentrar a política do café em suas mãos [...] Muitas das medidas tomadas por Getúlio no plano econômico financeiro não resultaram de novas concepções, mas das circunstâncias impostas pela crise mundial (FAUSTO, 1995, p. 333).

Com isso, notamos os pontos de mudança vindas com as intenções políticas dos detentores de poder da Segunda República, iniciando os processos de alteração de conceitos da época. Características associadas ao rural e ao urbano são reestruturadas de maneira semelhante à aplicada na Europa; o rural, ainda que detendo elevado poder econômico, passa a ser associado ao ultrapassado e posto em posição de subserviência ao urbano. Tais ideias não se mantiveram apenas na Região Sudeste, partiram para a “Marcha para o Oeste”.

1.3 - Estado de Goiás, a transferência da capital e seu impacto.

O Centro-Oeste brasileiro, apesar de ter sido explorado na busca aurífera até o fim do Ciclo do Ouro no século XVIII, não teve tanto destaque quanto Minas Gerais, no Sudeste. O estado de Goiás, a partir do início do século XIX, então, teve sua economia ancorada na agricultura e na pecuária (BORGES, 2012; et SALGADO, 2019), caracterizadas pela ruralidade e pelo isolamento geográfico, até a chegada da Segunda República (1930 - 1945), conhecida igualmente como Era Vargas.

Enquanto as mudanças na economia aconteciam pelo sudeste, Getúlio Vargas imbuíu a “Marcha para o Oeste”, em busca de modernizar e povoar o oeste brasileiro.

É nela que podemos observar as principais bases ideológicas que atravessaram as estratégias de dominação e construção do Estado. Nesse sentido, a ocupação do interior vinha acompanhada do nacionalismo autoritário, isto é, a figura do líder, uma promessa futurística de sociedade e a construção de um homem novo - o ser brasileiro. Realizar a Marcha - ou pelo menos acreditar nela - tornou-se uma empreitada cívica e patriótica, representava fazer parte verdadeiramente da vida pública e da construção da nacionalidade (ALMEIDA, 2018, p. 340).

Um dos interventores estaduais escolhidos pelo presidente para assumir o poder para executar o papel de modernização e incentivo de povoamento foi Pedro Ludovico Teixeira, cuja ação política mais significativa se tratou da mudança da capital do estado pelo qual era responsável. Anteriormente, a capital era a cidade de Goiás, fundada por bandeirantes como uma cidade mineradora durante o período colonial brasileiro. Com o esgotamento do ouro na região, a capital perdeu destaque econômico nacionalmente, tendo a política dominada por famílias poderosas de cunho coronelista. Pedro Ludovico, inspirado por ideias e tentativas de governadores anteriores, iniciou e concluiu o processo de criação de uma nova capital que se adequasse com os ideais modernistas buscados pelo presidente e seus apoiadores, de urbanização e industrialização.

Pedro Ludovico rotulava Goiás de centro “oligárquico, decadente e atrasado”. Goiânia seria seu inverso. Decadência e atraso eram, então, argumentos recuperados no momento para reforçar a necessidade do novo. O estigma da decadência, que permeou a Província de Goiás na época da pós-mineração, e do atraso, que simbolizava Goiás ao longo da Primeira República, foram retomados para reforçar a representação de sua antítese, ou seja, a modernidade expressa na construção de Goiânia. Ao contratar os estudos arquitetônicos para a edificação da nova capital uma recomendação: uma capital que fosse, em tudo, diferente da cidade de Goiás (CHAUL, 2009, p 105).

O local escolhido para a fundação da cidade era anteriormente pertencente ao município de Campinas, entre as fazendas Criméia, Vaca Brava e Botafogo (NASCIMENTO, 2015). A área plana (paisagem oposta à da antiga capital, cercada de morros e serras, vistas como limitantes ao crescimento) foi tornada um descampado, com a retirada de parte da vegetação nativa, dando-se início à construção do projeto de Atílio de Correia Lima.

A estrutura original do plano da cidade é do tipo rádio-concêntrico, tendo as principais ruas e avenidas convergindo para a Praça Cívica, dando-lhe destaque e fácil localização e acesso. As outras ruas desenvolvem círculos concêntricos no sul e em diagonal no norte [...] Os demais setores previstos nesse plano foram organizados em malhas ortogonais, respeitando a topografia do sítio. No projeto inicial, foram definidas cinco zonas: o Centro Cívico, o Centro Comercial, as Áreas Urbanas e Suburbanas, a Zona Industrial (ao norte do sítio) e a Zona Residencial (NASCIMENTO, 2015. p. 149).

O projeto da cidade planejava abrigar cerca de cinquenta mil habitantes, com aproximadamente quatro mil funcionários vindos do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Bahia (CHAUL, 2009). A cidade foi fundada em 1933, e em 1935 já

contava com algumas construções erguidas, sua paisagem se mesclando entre edifícios influenciados pela “Arte Nouveau” e antigas pastagens. O urbano disputando e apagando aos poucos o espaço rural, conforme os desejos de Pedro Ludovico.

A Cidade se desenvolveu rapidamente, a construção de uma ferrovia de cargas, a chegada de novas indústrias e a transferência da capital federal para as proximidades incentivou ainda mais o aumento populacional, assim como a criação de novos povoados e, posteriormente, distritos, que acompanhando o crescimento eles se tornaram a região metropolitana de Goiânia. Esse foi o caso de Senador Canedo, distrito povoado e industrializado até 1988 ser fundado oficialmente como município.

1.4 - Senador Canedo e seu desenvolvimento.

A cidade de Senador Canedo surgiu, principalmente, em função da instalação da Rede Ferroviária Federal S/A na região, que já era a rota de grandes boiadas conduzidas em direção ao sudeste do país¹.

Com a transferência da capital de Goiás para Goiânia, muitos migrantes foram atraídos, assim como a alteração do caminho que seria percorrido pelos trilhos da ferrovia TP-4, permitindo que o percurso anterior fosse desviado para passar por Goiânia. Com esse desvio, o caminho passou a seguir a região que divide as bacias dos rios João Leite e Sozinha, passando pelas terras que anteriormente pertenciam ao senador Antônio Amaro da Silva Canedo (VILELA; NASCIMENTO. 2025), fundando-se a estação Senador Canedo, evidenciando o hábito de homenagear personalidades importantes do estado de Goiás.

A construção da estação e a atividade ferroviária atraíram um grande número de trabalhadores, que formaram um acampamento inicial na área plana, a nomeada

¹ <https://senadorcanedo.go.gov.br/cidade/>

Esplanada (Idem, 2025). A instalação da estação também despertou o interesse dos agregados de fazendas próximas. Com a chegada de novos moradores e comerciantes, essa expansão foi impulsionada, culminando na elevação à categoria de distrito de Goiânia, em 1953 (Idem, 2025). Neste cenário, uma das proprietárias, Natália Ambrosina, decidiu lotear parte das suas terras e assim formou o primeiro núcleo habitacional organizado logo abaixo da estação.

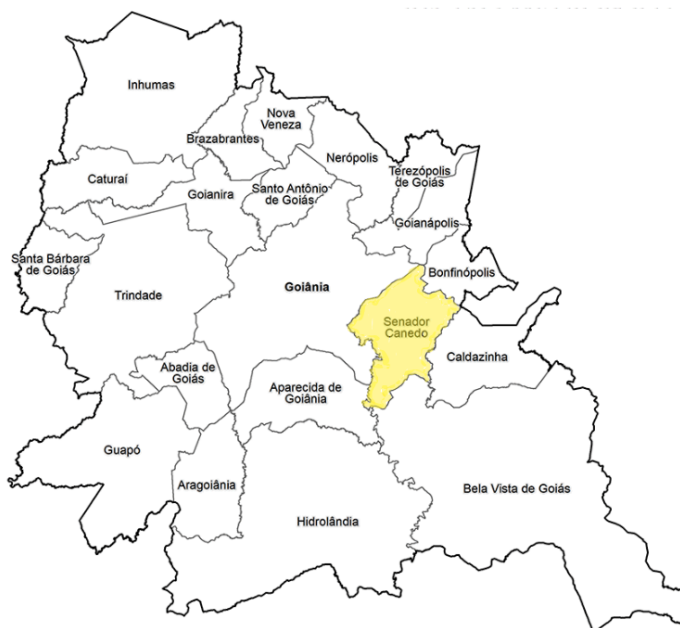
As casas de adobe, lembranças de um tempo mais simples, deram lugar a construções mais fortes de tijolos e telhas e representavam o progresso. As ruas ainda eram de terra, mas começavam a organizar em quadras, e os primeiros postes de madeira para luz na rua chegaram no início da década de 1970 e iluminavam o vilarejo com uma luz amarelada [...]. (VILELA; NASCIMENTO, 2025, p. 41).

Majoritariamente, ao longo da história da ferrovia, as locomotivas tiveram o transporte de carga como objetivo principal, contudo, por cerca de cinco anos, transportaram passageiros, o que atraiu moradores de fazendas e municípios vizinhos para embarcar na estação, trazendo movimento constante ao distrito e, com isso, um aumento populacional na cidade, até junho de 1987, momento que os trilhos se tornaram exclusivos para transporte de vagões de carga, especialmente de combustíveis, gás GLP e produtos derivados do petróleo (Idem, 2025).

Nessa década, com o aumento da população impulsionado pela melhoria do transporte coletivo por projetos, como Goiás Hortigranjeiro², a comunidade que se desenvolveu ao redor da estação ferroviária decidiu iniciar o processo de autonomia e se tornar então um município (Idem, 2025). Foi então que, em 1988, se tornou oficial o nascimento de Senador Canedo como município.

² Sociedade Anônima de Capital Autorizado criada pela Lei Estadual N°8394, em 29 de dezembro de 1977. Sob a denominação Goiás Hortigranjeira S/A, a atividade principal é a produção, a comercialização, a industrialização e a contratação da produção de hortigranjeiros por conta própria ou em nome de terceiros; fica o poder executivo autorizado a prestar a garantia do Estado sobre a forma de fiança, aval, endosso e outras, a quaisquer operações de crédito negociadas pela sociedade.

Figura 1 - Senador Canedo na Região Metropolitana de Goiânia



Fonte:Elaborado pela autora, 2025

Os primeiros anos foram caracterizados por uma explosão demográfica e um crescimento urbano desordenado, pois funcionava como cidade-dormitório. A partir de 1996, com a instalação de um terminal intermodal³ da subsidiária Transpetro, pertencente à Petrobrás, isto se alterou significativamente. No aproveitamento da localização estratégica e logística da ferrovia que transportava apenas cargas, o terminal atraiu outras grandes empresas, impulsionando fortemente a arrecadação do ICMS (Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços), colocando o Senador Canedo em destaque, inclusive para pequenas indústrias e prestadores de serviço.

Com o interesse de tantas empresas a se instalarem, o chamado Distrito Industrial começou a crescer, conectado ao centro urbano da cidade. Segundo o jornal G1, atualmente :

³ Trata-se de uma infraestrutura para a transferência de cargas entre modais de transporte, no caso de Senador Canedo: a partir de um trem para um caminhão ou o inverso. O que diferencia um terminal intermodal de um Porto seco é a presença de uma alfândega autorizada e o fato de que a carga que chega aos terminais não pode ser despachada ali, existe a necessidade que seja enviada, sob controle aduaneiro, para um Porto Seco oficial (presente na da EADIs - Estações Aduaneiras de Interior - da ANTT - Agência Nacional de Transportes Terrestres) como o localizado na cidade de Anápolis.

“Representantes dos polos industriais, petroquímico e moveleiro de Senador Canedo estimam que hoje estejam instalados nestes locais mais de 60 empresas, gerando juntas 17 mil empregos diretos e indiretos, incluindo também os fornecedores.” (GONÇALVES, 2019. par. 8)

A política da cidade , como informa a notícia (GONÇALVES, G1, 2019), considera estes polos desenvolvidos nos distritos industriais sua maior potência e busca continuamente a expansão delas, de maneira facilitada pelo município, que não apenas oferta áreas nos polos com a instalação de energia e água já realizadas, como também oferece um ISS mais atrativo para as empresas (Idem, 2019).

A posição geográfica de Senador Canedo é outro atrativo às empresas ligadas ao transporte: a conexão do município com as GOs 020 e 403 que possuem acesso a BR-153, garantindo uma conexão com as vias federais e com as estaduais, facilitando assim o transporte e aumentando o interesse industrial e comercial na região.

Figura 2 - GOs que passam por Senador Canedo



Fonte: Elaborada pela autora, 2025

Com isso, Senador Canedo se tornou a cidade brasileira com maior crescimento populacional entre o Censo de 2010 e o Censo de 2022 (G1, 2023), com o centro urbano da cidade se expandindo intensamente de maneira a acomodar esse aumento populacional. Com isso, diversos ambientes de transição rural-urbana foram criados, uma delas sendo a área de estudo.

Além do crescimento populacional, a especulação imobiliária é um relevante intensificador na criação destes ambientes e na sensação da existência de uma dicotomia rural-urbana. Em 2023, o prefeito Fernando Pellozo (eleito em 2020) revelou que dez condomínios fechados estavam em construção e mais sete destes empreendimentos foram aprovados ou estavam em processo de liberação para a construção, todos concentrados especialmente em aproximação à Goiânia e às vias de acesso à capital do estado (JÚNIOR, 2023).

Através do reconhecimento desses fatos, podemos refletir sobre como a valorização do urbano em detrimento do rural é determinante na transformação das paisagens com a paisagem rural se vendo compelida a ceder espaço a urbana. Contudo, um aumento da captação destes aspectos é necessária para maior compreensão, realizado no próximo capítulo.

Capítulo 2 - Pensar por imagens na expansão urbana do Cerrado.

2.1 - Aprendendo com fotografias

Após a observação do desenvolvimento histórico que se deu a relação entre o urbano e o rural desde a Europa medieval, o caminho percorrido pela industrialização e pela busca da modernidade que penetrou o Brasil adentro até que isso influenciasse a mudança da capital do estado de Goiás para Goiânia, de maneira a contextualizar os valores sociais e paisagísticos atribuídos ao rural e ao urbano até a atualidade; iniciamos um novo capítulo.

O capítulo anterior traz a contextualização da relação rural-urbana introduzida e aderida no Brasil. A partir daqui, trazemos as análises e críticas sobre uma nova perspectiva, fazendo uso de um método alternativo e que possui um papel intermediário entre a etapa inicial e a final. Neste capítulo introduzimos não apenas dados registrados por métodos tradicionais verbais, mas também o uso das imagens como elementos cuja função adquire um papel que vai além do ilustrativo. Onde é demonstrado como o histórico verbal, o histórico visual e a subjetividade podem se conectar e, conseqüentemente, gerar mais conhecimento.

Neste capítulo, realizamos um exercício inspirado nos trabalhos de George Didi-Huberman (1998; 2021), filósofo, historiador da arte e teórico da imagem, que defende que as imagens possuem a existência de vestígios de história, emoções, desejos e ideias a serem passadas ao observador, carregadas de intenções. Em seu trabalho, ele busca extrair e compreender cada elemento presente em imagens e seu significado, sendo muito influenciado pela psicanálise, filosofia e pelo contexto no qual cada imagem foi gerada.

Didi-Huberman “assume as imagens como olho da história” (FILHO, p. 205), de maneira que as imagens preenchem lacunas de informações que não foram registradas em formato de texto, isso a partir da captura de resquícios e da consideração da existência da parcialidade imbuída por quem produz ou captura uma imagem.

Ver o que está além da imagem, como abordado em “O que vemos, o que nos olha” (DIDI-HUBERMAN, 2010), envolve ser capaz de visualizar a “aura do objeto visível” (Idem, p. 96) que não está posicionado de maneira diretamente explícita na representação, mas que evidencialmente se encontra ali. Identificar algo que é visível, mas não está visível, já que:

[...] o visível se acha de parte a parte inquietado: pois o que está aí presente se arrisca sempre a desaparecer ao menor gesto compulsivo; mas o que desaparece atrás da cortina não é inteiramente invisível, ainda tatilmente retido pela ponta do fio, já presente na imagem repetida de seu retorno (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 96).

Sendo assim, a obtenção de informações através dos métodos de Didi-Huberman é realizada a partir da ordem de um mutismo presente em cada figura, em cada elemento, em cada vazio, em cada ângulo, em cada figura posta em posição de destaque. O ato das imagens de mostrar aquilo que não pode ser dito, que necessita então da parte do observador uma ruminação do máximo de detalhes possíveis encontrados, de maneira a nos tornarmos capazes de preencher as lacunas da memória ou de um silêncio verbal imposto ao autor de uma imagem.

Por fim, há de se colocar todas as informações obtidas através deste olhar em jogo. Trata-se das indeterminações e as sobredeterminações do mundo histórico (FILHO, 2021), de maneira que possamos montar e apontar fatos coerentemente, mesmo exercendo a imaginação, uma vez que esta é "aceitação do múltiplo, não a serviço do esquema de uma fórmula de subsunção, não conflito do esgotamento mas da recondução constante do múltiplo" (Idem, p.216).

Outra inspiração para este exercício são alguns trabalhos de Agnès Varda (1928 - 2019), cineasta e fotógrafa que capta imagens de maneira poética e humanitária. Varda não filma ou fotografa de maneira fria e distante, ela busca se aproximar, em especial das figuras humanas e dos elementos que as afetam. Em especial, seu trabalho “um minuto por imagem” (*Une minute per une image*, 1983) inspirou a execução deste exercício como capítulo dois deste trabalho (em conjunto com o trabalho de Didi-Huberman).

Varda, após experiências ao longo da execução de seus trabalhos (em especial *Ulisses*), relata em uma entrevista ter percebido como cada indivíduo é capaz de interpretar fotografias de maneiras diferentes, decidindo assim criar o projeto no qual é mostrada uma fotografia por aproximadamente 15 segundos, sem nenhuma adição verbal para acompanhá-la. Então, por vezes a própria Varda, por outras, pessoas não identificadas, descrevem por um minuto sobre uma fotografia vista, sem ter acesso a nenhuma informação além da própria imagem oferecida, ainda em tela. Seguidamente, após a pessoa falar por um minuto suas impressões, questões e suposições sobre a fotografia, são reveladas as informações como: o autor, o título, a cidade de origem a data da fotografia, permitindo ao observador uma reflexão sobre se o discurso executado e sua relação com os dados da imagem.

Os autores são figuras que se destacam no meio acadêmico devido às suas visões diferenciadas, mais poéticas e imaginativas. Eles não excluem a imaginação como um método de se obter fatos, vão pelo caminho oposto e a utilizam como artifício, uma ferramenta, que permite enxergar além do óbvio. Didi-Huberman amplia as imagens e as revista em busca de vestígios históricos e através deles, imagina como estes vestígios completam lacunas não registradas em palavras antes. Varda vê as imagens de maneira humanizada e questiona aquilo que está à plena vista e aquilo que está “por trás” de cada fotografia e cada contexto no qual está inserido, e como isso afeta a visualização de cada imagem.

Além desses, também foram fontes de inspiração e referência para o desenvolvimento deste exercício, os trabalhos nacionais "Três fotografias" (MARQUEZ; GALUPPO; ROCHEBOIS; MUSA, 2019) e "Duas fotos, dois olhares:

exercícios de escritas sobre fotografias" (MARU; RAMOS, 2025, no prelo). Ambos os trabalhos trazem fotografias e visões que os autores tiveram ao exercer a observação e leitura imagética de cada uma das imagens.

Dessa forma, usando obras e métodos de ambos como inspiração, os entrelaçamos com a execução do que foi abordado ao longo do primeiro capítulo deste trabalho. A relação entre o rural e urbano, especificamente na cidade de Goiânia, durante o período de sua construção e desenvolvimento, é observada a partir do uso de fotografias que registram a época, de maneira analítica, questionadora e consciente da época em que estavam inseridas, em busca de se colocar em palavras as informações que podem ser encontradas através dos vestígios e dá atenção aplicadas às imagens.

2.2 - Exercício de pensar com fotografias.

Neste exercício, inspiramo-nos nos trabalhos de Didi-Huberman e Agnès Varda a partir de fotos que retratam a construção de Goiânia e o desenvolvimento urbano da mesma. Executamos a ação de extração de informações, questionamentos, reflexões e intenções por trás de cada fotografia, para, então, transcrevê-las de maneira expositiva a fim de compreender a relação entre o rural e o urbano ao longo do tempo. Usamos Goiânia na execução deste exercício devido a ausência de registros visuais históricos de Senador Canedo que, diferentemente da planejada capital goiana, nasceu de maneira mais orgânica, sem investimentos e com o estabelecimento de moradia de trabalhadores sem acesso ao recurso fotográfico.

Através das imagens encontradas no CPDOC/FGV e demais acervos, disponibilizados por cidadãos que guardam recordações das etapas da expansão urbana da capital do estado de Goiás, esse exercício as analisa isoladamente e em conjunto, observando pontos de possíveis conexões assim como semelhanças

Figura 3 - Residências em Goiânia, meados da década de 1930



Fonte: Acervo FGV CPDOC, 2025.

Na imagem, algumas características se destacam na paisagem. Inicialmente, o terreno plano nos chama a atenção, principalmente ao levarmos em conta a antiga capital do estado, localizada num vale, cercada de morros. O terreno plano transmite um aspecto de vastidão, de espaço livre e aberto para o desenvolvimento, algo muito buscado pelos ideais da modernidade, que levaram à construção de Goiânia.

Outro aspecto que captura a atenção, é a aridez. A única vegetação visível é a rasteira, sem nenhuma espécie de flora de médio ou grande porte. Semelhante às pastagens usadas para alimentar o gado. Mesmo com a foto não apresentando cores, a presença e influência do sol pode ser notada como algo marcante e constante. Assim como o tamanho diminuto das sombras nos informam que a foto foi tirada em um horário em que o sol já se mostrava alto no céu.

O lado direito da imagem se vê mais preenchido por edifícios, cuja presença se estende além da foto (tanto para a esquerda quanto para o fundo que a câmera não foi capaz de capturar). Este fato contrasta bastante com o lado esquerdo da foto, após o leito carroçável, que apresenta, supostamente, três edificações mais espaçadas entre si, aparentando estarem postas em meio ao campo aberto.

De ambos os lados do leito carroçável, é possível notar o início da construção de calçadas, mas também podemos observar divergência entre as duas. A calçada direita estando mais avançada nesse processo, mais alta, já nivelada; enquanto a esquerda aparenta ainda estar no mesmo nível que a via, com pontuais vegetações e irregularidades em seu todo. O que pode levantar um questionamento: o lado direito foi priorizado devido a maior densidade urbana ou se trataria apenas de uma escolha de realização de etapas que coincidiram?

Outro detalhe a se observar é a presença de duas figuras humanas, provavelmente ambas masculinas, na imagem. Ambas optaram pelo uso do centro do leito carroçável, mesmo aquele que caminha. Uma indicação, talvez de que, ao menos o pedestre, não estaria habituado à forma de caminhar urbana, às margens das vias, nas calçadas.

Ambos os homens aparentam estar seguindo caminhos opostos. Estaria o homem de bicicleta a caminho do trabalho e o homem a pé a caminho de sua residência? Talvez, já que um se aproxima das residências e o outro se afasta delas. Escolhendo a acreditar que sim, podemos imaginar que aquilo que passa pela cabeça do homem que está a pé são as imagens de seu lar, de sua família e de uma refeição muito desejada após um turno de trabalho. Já é o que está de bicicleta, em vestes escuras uniformizadas, pensa em seus afazeres, em um dia feliz, cantarola no caminho até seu trabalho apreciando o caminho

Figura 4 - Goiânia, meados da década de 1930.



Fonte: Acervo FGV CPDOC, 2025

Na fotografia, há dois grandes edifícios que se destacam, mas ao se atentar, é possível notar a presença de edificações menores (possivelmente residenciais), espaçadas entre si, pelo que se estende aos fundos da paisagem. Em especial, há uma edificação escura, ao lado do edifício de margem esquerda, que nos permite criar uma consciência quanto à dimensão dos edifícios em destaque, com a altura do telhado da residência tendo praticamente a mesma estatura que a janela do pavimento térreo. Com tal comparação, podemos notar a intenção dos edifícios serem proeminentes não apenas perante a paisagem descampada na qual foram construídos, mas também às edificações vindouras.

Podemos observar também o posicionamento de postes, em seu estágio inicial, ainda sem carregarem fios de alta tensão elétrica ou luminárias. Sendo assim, a vida diária no local era iluminada pelo sol e por lampiões, da mesma maneira que as habitações rurais, com a luz natural como a única guia do início e do encerramento dos dias de trabalho. Porém, com a instalação dos postes em

processo, a chegada da luz elétrica se apresenta iminente e com ela novos métodos de vida; a luz solar não mais limita a atividade humana por completo. De forma que não é apenas a paisagem diurna que se altera, mas também a noturna; o urbano expande a vida diária, traz o modo de vida noturno.

Poucas figuras humanas habitam a imagem, apenas cinco podem ser vistas e todas masculinas, informação que pode ser obtida ao notar as vestimentas e ao considerar o local e o período onde se encontram: um campo de construção na década de 1930. As três figuras do lado direito da imagem acompanham uma a outra, caminhando com proximidade, o que sugere que tenham uma relação próxima e um mesmo local de destino. Estariam os três a caminho do trabalho ou retornando para suas residências, no qual são colegas? E quanto aos outros dois que são vistos do lado esquerdo da imagem?

Ambos os homens do lado esquerdo estão, além de demasiado espaçados entre si, aparentando caminhar para direções divergentes. O homem mais próximo parece caminhar na direção onde o autor da fotografia se encontra, sendo o único de frente para a câmera (embora pareça que ele não a tenha notado ou a tenha ignorado). O segundo homem está mais distante e caminha para a esquerda, na mesma direção que o trio do lado direito. Teriam eles o mesmo destino? Seriam colegas de trabalho que não tem um vínculo de amizade ou apenas vem de caminhos diferentes e se encontrarão na mesma localização? Estariam todos a caminho do trabalho? São perguntas que podemos fazer.

A ausência de vida não humana também pode ser notada claramente. Diferente da foto anterior (figura 1), nem mesmo vegetação rasteira pode ser encontrada pelo chão de terra compactada do leito carroçável nem da terra remexida. Com isso, constatamos a eliminação proposital da vegetação, “abrindo caminho” para as construções, para o asfalto, o concreto, o aço e a alvenaria. As edificações em meio aos espaços desmatados somados à vastidão plana e o céu sem nuvens, intensificam a sensação de aridez sentida por nós observadores.

Nessa figura, conseguimos visualizar o apagamento de todos os detalhes da paisagem que eram relacionadas ao histórico rural da região para o surgimento

do urbano e da modernidade planejada. Há, então, uma sugestão de plano de que mais edifícios ocupem os vazios vistos na imagem.

Figura 5 - Praça Cívica, meados da década de 1930.



Fonte: Acervo FGV CPDOC, 2025

A fotografia 5 aparenta ter sido tirada anteriormente às anteriores, uma vez que as únicas edificações que a imagem sugere estarem em seus estágios finais de construção se sobressai ao lado esquerdo e a que se posiciona no lado direito próximo ao centro. Os demais elementos construtivos que despontam na imagem aparentam estar em seus estágios de fundação, mais próximos ao fotógrafo.

Embora, ao direcionar um olhar mais atento à linha do horizonte, do lado direito, podemos enxergar pequenos pontos que, ao ampliar a imagem, aparentam ser construções residenciais. Seu porte diverge bastante das citadas anteriormente, mesmo levando em consideração o fato da distância fazer com que pareçam menores do que são, elas não se destacam na paisagem na mesma proporção que as outras. Seriam essas as habitações dos construtores de Goiânia? Espaçadas entre si, porém bem menos que os edifícios maiores. Estes espaços entre as casas seriam deixados para que novos construtores erguessem suas residências ou teriam outro objetivo? Produzir alimento, talvez?

Voltando a atenção para o lado esquerdo, novamente próximo a linha do horizonte, podemos notar, pela primeira vez, alguns exemplares que se assemelham à vegetação arbórea. Tão distantes e marginalizadas quanto às possíveis residências dos trabalhadores responsáveis por erguer cada edificação. Parece um detalhe pequeno e pouco significativo, mas ao fazer o exercício de comparar o lado esquerdo com o direito, é notável como o direito possui um aspecto mais árido que o esquerdo, mesmo que a quantia seja diminuta, a presença de vegetação é capaz de trazer maior conforto. Ambos os lados separados pelas vias centrais, como uma divisão definida entre os dois espaços; como se não tivessem a permissão de se misturarem.

Outro detalhe que podemos extrair da foto é que uma das vias principais não está compactada como as outras e que nenhuma das vias está conectada ainda. Pela cor clara que as vias assumem na imagem, é possível visualizar aquelas que tiveram a terra de seus traçados compactada, definindo as vias. As três vias mais avançadas no processo e a quarta, ainda em curso, se conectarão com uma via futura, próxima à edificação em que o fotógrafo se encontra.

Relacionado a isso, outra informação pode ser notada ao repararmos na nota manuscrita na parte inferior da fotografia: a localização de onde a foto foi tirada. Ao dizer “palácio”, se refere ao que viria a ser nomeado Palácio Pedro Ludovico Teixeira (em homenagem ao governador responsável pela criação da nova capital), local que se tornaria o centro administrativo do estado de Goiás e idealizado como ponto central de Goiânia.

O pouco que aparece na imagem não nos permite dizer se já estaria concluído no momento da foto, mas permite dizer que está próxima de atingir esse estágio, uma vez que o observador está sobre a laje para realizar essa fotografia. Teria um observador uma relação com a política, que teve permissão de estar ali e decidiu capturar a imagem? Ou estaria ele, como um funcionário registrando os desenvolvimentos da construção de Goiânia para enviá-los a Pedro Ludovico?

Figura 6 - Goiânia, Rancho no qual funcionava a feira livre, ano de 1936.



Fonte: Grupo Fotos Cidade de Goiás e Goiânia

[//www.facebook.com/photo/?fbid=1117122250415460&set=pb.100063530872421.-2207520000](https://www.facebook.com/photo/?fbid=1117122250415460&set=pb.100063530872421.-2207520000).

Acesso 02 de junho de 2025.

Muitos elementos podem ser observados na figura 6, a começar pela grande carroça que domina o lado esquerdo da foto. Por estar coberta, não podemos chegar a uma conclusão do que ela carrega em seu interior, mas podemos supor que está cheia uma vez que os tecidos que cobrem uma protuberância no centro da carroça. Ela aparenta ser feita de uma madeira, metal e vime que formam a estrutura e o elemento que protege a carga. Ela é grande o suficiente para ter quase a mesma altura das barracas ao lado, o que por si só chama atenção. Por baixo dela é possível ver algo que se assemelha a um conjunto de raízes, que podem ter caído da carroça (revelando então as raízes como parte da carga) ou que elas foram descartadas ali antes da carroça chegar (mostrando como os itens não desejados seriam descartados no local).

Ao voltar o olhar para o lado direito da imagem, duas edificações rústicas são vistas com clareza, estruturadas por estacas de madeira (fazendo uso da firmeza da terra para manter a estaca de pé) com uma cobertura vegetal, semelhante à palha, sobre madeira entrelaçada. Ambas dispõem de altura e área próximas,

possivelmente construídas em conjunto ou pelas mesmas pessoas, embora a mais próxima do fotógrafo aparente ter sua cobertura preenchida por completo, enquanto a mais distante apresenta um grande buraco na cobertura a ser preenchido com o material vegetal, o que possibilita a ideia de que ainda não está finalizada ou possua uma manutenção menos frequente.

Dentre todas as imagens anteriores, essa é a imagem que permite ver de maneira mais próxima à figura humana. É possível ver a maneira como se vestem: todos com chapéus nas cabeças, camisas e calças soltas, sapatos simples, o que indica que todos pertencem a classes sociais semelhantes, provavelmente que construíram Goiânia. O grupo mais próximo a foto, ao lado direito, parece negociar um produto que está em um carrinho de mão; enquanto o outro grupo, mais próximo a segunda barraca, aparenta estar em uma conversa não necessariamente comercial. A ausência da figura feminina retrata como a relação comercial era realizada pelos homens, mas o que atrai a pergunta: onde estavam mulheres? A resposta conhecida socialmente é: dentro de casa. Porém, não teriam as mulheres auxiliado para que fosse possível que estes homens estejam presentes na foto? Nem na figura 6, nem nas outras, se vê retratos das mulheres que auxiliaram na construção de Goiânia. Como se sua presença não importasse o suficiente para ser fotografada.

Outro ponto a se analisar é a ausência de pavimentação, o chão é de terra e algumas pontas de gramíneas se mostram ao lado esquerdo da imagem, tanto após a carroça, quanto no canto esquerdo da fotografia; o chão não está nivelado, de maneira que é possível ver as diferenças pequenas de níveis, a maior dela percorrendo a parte inferior da foto. O tipo de chão comum no rural, presente no ambiente em que essas pessoas praticam o comércio. A maioria dos elementos fica em contato com o chão podem ser vistas aos pés da cabana mais distante assim como o que podemos imaginar que são os produtos da cabana mais próxima

Algumas incertezas sobre a imagem são as seguintes: teriam essas barracas rústicas proprietários, ou seriam elas comunitárias onde aquele que chegasse primeiro com os produtos no dia da feira poderia utilizar o espaço? As feiras livres

teriam apenas produtos produzidos pelos construtores de Goiânia ou as pessoas das regiões rurais traziam seus produtos para abastecê-los? Ou ambos? Temos consciência de que os construtores viviam ali com suas famílias, em uma região anteriormente desabitada e que precisavam se alimentar. Seriam eles mesmos que se abasteciam ou pessoas que pertenciam ao rural que os abasteceriam?

A imagem permite novamente a visualização de um ambiente seco e árido sem nenhuma além da rasteira na imagem as sombras indicam a presença de um sol forte e todos os homens usando chapéu também indicam a necessidade de se proteger contra o sol o máximo que podiam. A única cobertura além dos próprios chapéus e vestuário são as cabanas mas nenhuma vegetação arbórea, o que intensifica novamente a sensação térmica da região. Com uma exceção no canto esquerdo da foto, entre o limite da imagem e a carroça, uma vegetação arbórea pode ser visualizada.

Figura 7 - Goiânia, vista aérea da Rua 20 com as casas-tipo para funcionários. Década de 30



Fonte: Grupo Fotos Cidade de Goiás e Goiânia

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1108113984649620&set=pb.100063530872421.-220752000>

0. Acesso: 02 de junho de 2025.

A figura 7 traz uma imagem aérea na qual o foco são as casas para funcionários, as quais podemos notar estarem próximas uma da outra, uma característica associada ao urbano, porém este é o único traço da figura que pode ser associado com o urbano. Elas possuem um aspecto deslocado ao estarem cercadas por um vazio quase desértico. Cinco casas se postam ao lado direito em frente a uma via improvisada e apenas uma se posiciona ao lado esquerdo. Quatro das casas apresentam dois andares, o que pode indicar a presença de famílias grandes e uma boa condição social, funcionários de cargos mais altos.

Essa figura poderia ser uma imagem compatível com a figura 5 onde aparecem dessa vez como foco e mais próximas, às residências dos funcionários. Os espaços vazios citados anteriormente (figura 5) ao termos uma imagem mais próxima, podemos sugerir que os espaços entre as habitações serão utilizados para a construção de mais casas, de acordo com a chegada de mais funcionários uma vez que a única vegetação que pode ser vista são pequenos pontos de gramíneas,

assim como a ausência de animais. O que poderia responder nosso questionamento anterior ou esta imagem seria apenas a retratação de um momento inicial antes da construção da própria Goiânia, a visão das residências utilizada para atrair o interesse de mais trabalhadores.

Na figura devido à distância é difícil visualizar a presença de alguma figura humana, embora possamos supor que a pequena sombra mais comprida ao lado da casa que se encontra do lado esquerdo da quadra possa ser uma. Não é possível ter certeza nem imaginar o que ela, caso seja uma, estaria fazendo neste momento e neste local, uma vez que aparenta estar só num espaço vazio durante um fim de tarde ou um início de manhã, considerando como as sombras das casas estão inclinadas e mais compridas do que estaria no período mais quente do dia.

Ao aproximar-se da foto é possível visualizar uma pequena estrutura no centro mais próximo da parte baixa da quadra, que podemos supor que se trate de poço para abastecimento de água dos funcionários. Também podemos nos questionar se o poço seria dividido pelos habitantes desta quadra apenas. Não sabemos se após a parte inferior da foto, onde ela termina, haveria mais casas e, possivelmente, mais um poço ou se esse seria o único até esse determinado momento. Esta seria então a primeira infraestrutura de abastecimento hídrico que podemos visualizar entre todas as fotos anteriores.

Figura 8 - Goiânia, década de 1930, esta vista da Avenida Goiás, o Grande Hotel.



Fonte: Grupo Fotos Cidade de Goiás e Goiânia

[//www.facebook.com/photo/?fbid=1108113984649620&set=pb.100063530872421.-2207520000](https://www.facebook.com/photo/?fbid=1108113984649620&set=pb.100063530872421.-2207520000)

Acesso: 02 de junho de 2025.

A figura 8 traz um edifício em destaque na parte esquerda da foto enquanto, quase como em oposição, o lado direito da foto traz um terreno vazio pontuado por tocos de madeira. Pelo que se sabe da foto, o edifício em evidência é chamado “o Grande Hotel de Goiânia” e logo à frente dele se mostra um terreno que se veria comumente na área rural, após uma queimada característica do cerrado no qual a capital faz parte. Hotéis são elementos associados apenas ao urbano, mas a imagem permite visualizar os ambientes socialmente determinados como opostos em contato direto, divididos e unidos ao mesmo tempo.

Nessa foto, também é possível notar postes de iluminação e de energia elétrica já instalados, embora não seja possível enxergar a presença dos fios, o que talvez indique que ainda não estão prontos ou que a distribuição de energia elétrica do estado ainda não chegou para na nova capital, embora o local já tenha a infraestrutura necessária para recebê-los trazendo a vida noturna urbana e a eletricidade para o local.

O leito carroçável está no mesmo nível que a terra, o que mostra um estágio inicial da construção da via. Contudo, um detalhe se destaca: não há a presença de um planejamento para uma calçada à vista embora os postes já tenham sido posicionados e instalados (diferente das figuras 3 e 4) o que mostra como não será não se planeja que o pedestre seja o foco da modelação da cidade. A via está compactada, já traçada ao que se estende para os fundos da imagem e para a frente já disponível para o uso dos automóveis, enquanto os pedestres não aparentam ter seu caminho facilitado.

Além disso, mais edificações que aparentam ter as proporções semelhantes ao grande hotel, com aproximadamente três pavimentos e alguns menores com apenas dois, se espalham pontualmente pelos fundos da imagem. Todos aparentam estar próximos às vias, mas mantêm distâncias entre si, algo bem oposto ao que se via na antiga capital do estado, onde as casas dividiam a mesma parede na nova capital, as casas de espaço entre si.

Figura 9 - Goiânia, Avenida Anhanguera. Década de 1950



Fonte: Grupo Fotos Cidade de Goiás e Goiânia

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1134342178693467&set=pb.100063530872421.-2207520000>. Acesso 02 de junho de 2025.

A imagem se trata de uma foto aérea da cidade cerca de duas décadas depois de sua fundação. A ocupação é notória, principalmente comparada com as figuras anteriores (3, 4 e 5) mas os espaços vazios ainda são de grande proporção, sendo repartidos pelas vias. Nessa imagem, a capital vista de cima aparenta um misto entre espaços rural e urbano, com uma concentração de edificações não característica do que foi definido como rural e a presença de espaços abertos com potencial para agricultura e criação de animais. Contudo, o que sabemos que está acontecendo é a ocupação urbana sobre os denominados vazios urbanos.

A quantidade de vias se multiplicou, nessa paisagem não possui apenas vias expressas e arteriais, mas também coletoras e locais. Com isso, diminui-se o caminhar comum no rural, mas não o elimina por completo uma vez que ainda podem ser vistos caminhos feitos pelos pés em alguns pontos da imagem, atravessando a vegetação baixa com frequência o suficiente para que a mesma não retorne com facilidade. Estreitos demais para os carros, pode-se notar no

terreno mais central próximo ao lado inferior da foto, essas trilhas mostram ainda uma resistência dos hábitos rurais.

A vegetação é muito mais presente na figura 6 em comparação com as anteriores. Palmeiras jovens adornam a avenida e outras árvores, que não podemos identificar, ora pontuam a paisagem (como a árvore no centro da pequena rotatória no canto direito da foto); ora se amontoam (como por trás da residência mais próxima ao canto do mesmo lado); ora se alinham pelos terrenos (como na parte frontal do edifício de maior dimensão).

Figura 10 - Antiga Estação Rodoviária, Avenida Anhanguera, entre os anos 1950 e 1987



Fonte: Grupo Fotos Cidade de Goiás e Goiânia

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1062403915887294&set=pb.100063530872421.-220752000>
Acesso: 02 de junho de 2025.

A figura 10 é a imagem mais recente (embora não se tenha informação de uma data específica em que foi registrada), isso pode ser notado por detalhes na imagem como a propaganda do lado direito da foto. Nela, podemos obter a informação de que não só já se tem indústrias em Goiânia como elas já estão estabelecidas, funcionando e empregando habitantes. Além disso, tem uma

presença forte a ponto de fazer uma grande propaganda na estação rodoviária, a entrada e saída constante de pessoas.

A estação rodoviária traz lojas em frente aos espaços de estacionamento, carga e descarga disponíveis para os ônibus, passageiros e bagagens criando uma pequena zona de comércio para os viajantes, o abastecimento de alimentos e de produtos através da compra em lojas antes de subir em ônibus característica do urbano.

A estrutura da estação rodoviária mescla alvenaria tradicional e o que aparenta ser uma estrutura metálica como cobertura. O que traz um aspecto de modernidade com o uso do metal de maneira exposta, mas ignora o aspecto do clima quente de Goiás, ignorando o conforto para aqueles que fazem presença no ambiente..

Tudo nessa imagem parece renegar qualquer característica rural e ser inteiramente urbana. Se trata de uma estação rodoviária, um espaço para uso do sistema viário; do lado extremo direito da foto é possível ver um pedaço de um carro estacionado; além das inúmeras lojas e da presença de luz elétrica já instalada, disponibilizando o uso do ambiente em período noturno.

Tudo indica que o local é urbano por completo, com exceção apenas pela figura mais à frente, mais próxima ao fotógrafo. Um homem de chapéu e camiseta solta em cima de uma pequena carroça puxada por um equino (muito semelhante à figura 7). Um método de transporte relacionado ao rural em uma rodoviária local onde as pessoas pegam o ônibus, método de transporte associado ao urbano; o que o homem faz ali? Estaria ele fazendo uma entrega de uma encomenda? Ou estaria apenas se transportando de um canto a outro na cidade? Teria se locomovido de sua casa até a rodoviária para deixar um parente que pretendia viajar para longe?

A maneira em que o local e o homem se opõem, mas convivem ao mesmo tempo, é chamativa. Um não aparenta atrapalhar o outro, os dois podem e funcionam de acordo com suas próprias funções, embora possam causar estranheza. Então,

podemos nos questionar mais uma vez, itens e elementos do rural realmente precisam estar separados dos itens e elementos urbanos?

2.3 - **Considerações sobre o exercício.**

A cada imagem ao longo desse exercício, consideramos cada elemento possível uma fonte de informação, constituindo uma rede de relações entre o rural e o urbano, por meio da leitura da capital do Estado de Goiás. Desde as imagens que aparentam serem mais antigas, com maior semelhança a um terreno descampado, até aquelas mais próximas do que é a Goiânia atual, este exercício buscou enxergar como funcionava a relação rural-urbano em meio às paisagens.

A capital foi erguida em uma região plana e não habitada até o momento em que a construção foi permitida. O que lhe permitiu uma paisagem que pode ser considerada ambígua, indefinível se era rural ou urbana, uma vez que ambas características se destacam nas fotografias. Contudo, é possível vermos as características rurais sendo dominadas e excluídas com a passagem do tempo, que reflete não apenas na paisagem mas na forma em que se enxergava na época, e ainda se enxerga, a presença do rural quando perante ao urbano.

Como podemos ver anteriormente no capítulo 1, uma das intenções da construção da nova capital goiana era o abandono das características rurais, que foram consideradas atrasadas pelo interventor estadual da Era Vargas (1930 - 1945) Pedro Ludovico Teixeira, e a partir dessas fotografias podemos observar como o rural foi sendo suprimido com o tempo mas inicialmente a característica ambígua foi adquirida.

Ao analisarmos cada fotografia de maneira atenta, questionadora e imaginativa, considerando o contexto em que estão inseridas, esse exercício permite que críticas sejam feitas, reflexões sejam proporcionadas e possibilidades sejam

vistas: e se a atitude perante o rural tivesse sido vista diferente? Ambas as paisagens podem coexistir ou sempre coexistiram?

Tudo isso pode ser considerado pelo exercício realizado com as fotografias históricas de Goiânia. Mas como se associam a Senador Canedo e ao local de estudo? Bem, eles nos apresentaram como as contradições entre o rural e o urbano foram forçadas, nos levando a questionar o que define uma característica rural de uma urbana durante a construção de Goiânia. No próximo capítulo, há a aproximação de um ambiente antes categorizado como rural durante sua transição para urbano, um local que mostra as sobreposições que impedem a existência de uma dicotomia.

Capítulo 3 - O Estudo do Local

3.1 - Ida ao local de estudo.

Após a abordagem dos métodos de Didi-Huberman e Agnès Varda, concluímos o quão importantes são os usos de artifícios visuais, em que há a intenção, colocada de maneira tácita ou explícita, de acordo com quem produziu ou captou a imagem. Com isso, apresentamos nossa aproximação ao local de estudo, com o olhar mobilizado pelo exercício anterior e mais crítico perante o contexto das relações rural-urbanas.

Ao longo deste capítulo utilizaremos uma mescla entre ida em loco e a fabulação de possíveis vidas de quem habita o local de estudo. De maneira inspirada em Ursula Le Guin, que faz uso do método fabulatório, o uso de narrativas imaginativas que partem de um ou mais fatos são usadas como instrumentos de investigação.

A escolha do local de estudo se deu a partir de uma conexão pessoal, como moradora por quase 12 anos na região, o que me provocou, ao notar a aceleração das mudanças espaciais e da paisagem acontecendo, porém ainda silenciosas, advindas, especialmente, pela especulação imobiliária e pelo incremento de infraestrutura urbana

Figura 11 - Cidades de Entorno de Senador Canedo



Fonte: Autoria própria, 2025.

Figura 12 - Limites do município de Senador Canedo



Fonte: Autoria própria, 2025.

Para a continuidade da execução deste trabalho, visitas a campo foram necessárias para maior compreensão e conexão com o local de estudo, assim como para registro visual, uma vez que há pouca produção e grande dificuldade de acesso a arquivos visuais históricos do lugar, sobretudo devido ao contexto em que está inserido. A área escolhida, pertencente ao bairro Setor Sítio Olhos d'Água, mesmo não estando fisicamente próximo a Goiânia (como podemos notar na figura 09), detém fácil acesso à capital do estado, devido a sua proximidade com a GO-020, tornando-a uma zona de evidente expansão.

Nele, há uma área que se tratava originalmente de um sítio em Senador Canedo. O proprietário do terreno realizou um loteamento de chácaras de maneira irregular, que está passando pelo processo de regularização de loteamentos do município durante o período de execução deste trabalho. O localizado ao sudeste do centro urbano do município e a norte de um condomínio fechado: a Cidade Alpha Goiás, um produto da categoria Terras Alpha (formada por lotes com tamanho médio entre 250m² e 360m², diferente da categoria Alphaville cujos lotes tem um mínimo de 360m²) pertencente à Alphaville S/A.

A presença, em menos de dez anos, do centro urbano e do condomínio fechado às proximidades a norte e a sul da área de estudo, mostra-nos a velocidade de urbanização intensa de Senador Canedo, além do aspecto de cercamento em torno da região, que auxilia na sua visualização como zona de transição e também influencia na escolha deste lugar para estudo.

Figura 13 - Imagens Históricas do Local de Estudo



Fonte: Autoria própria, 2025.

Objetivamos, com as idas in loco, as caminhadas, as fotografias, as observações e as análises, compreender como é constituído esse território, observando, principalmente, o contexto de transformação pelo qual passa, adotando como estratégia a leitura do lugar, sem perder de vista aspectos político-territoriais que o englobam: especulação imobiliária, depauperação da flora e da fauna preexistentes, transformação aguda da paisagem em cerca de uma década.

3.2 - Trajeto Realizado.

A partir do caminhar, foram realizadas três idas ao local em diferentes dias e horários, com o objetivo de compreendê-lo melhor, a fim de identificar pontos

marcantes. O primeiro dia foi em uma segunda-feira, às 17h, o segundo, numa sexta-feira, às 18h horas e o terceiro, em um domingo, às 11h. Em todas, o mesmo trajeto foi percorrido, representado na figura 11, com o objetivo de absorvermos ao máximo as características do local e seu entorno.

Figura 14 - Trajeto Percorrido



Fonte: Autoria própria,2025.

Para auxiliar na inserção ao local após as execuções do trajeto, trazemos um relato, de maneira a incluir melhor o leitor ao local.

3.3 - **Relato de se presenciar o local.**

O marco inicial da caminhada é uma estrada de terra cercada por vegetação, que quase toma o espaço de circulação de pessoas, carros, bicicletas e cavalos, todos recorrentes ao dia a dia, mas ausentes no período de registro.

A posição do sol marca a passagem do tempo, a terra vermelha e a vegetação seca evidenciam o cerrado em seu período de seca. Um ambiente de clima quente, tanto em seu momento mais ameno, quanto em seu momento de maior força.

Seguindo a caminhada, é possível nos depararmos com uma plantação cercada por grades de arame em um lado da rua e um descampado que mostra sinais de queimadas do outro. Podemos dizer que são os dois lados aos que as pessoas comumente associam ao rural no cerrado brasileiro: produtividade e vazio, opostos, porém associados ao mesmo local.

A partir desse grande descampado, ao olhar em sua direção ao horizonte, é possível ver edifícios e residências na parte mais alta, observando a cidade se aproximando daquela direção, tomando aquele espaço como seu. Um aviso visual e silencioso de que se aproxima cada dia mais.

Ao subir a rua novamente e olhar atentamente para o chão, a terra e poeira marcam pegadas de animais e de pessoas estiveram por ali, algo que não seria registrado à primeira vista, mas que a terra marca bem, até outro elemento passar por cima delas ou o vento as desmanchar, mesmo que, sobretudo nesta época, não haja muito vento na região.

Seguindo o caminho de subida, um muro e uma residência surgem do horizonte, marcando o primeiro ponto visível do condomínio de alto padrão que se instalou naqueles arredores. Se comparadas às arquiteturas das outras casas do loteamento de chácaras, é possível notar a diferença no seu formato contínuo e regular, assim como o uso das platibandas escondendo o telhado. Esse método seria mais um dos criados para separar e diferenciar residências? Todas as casas visíveis do condomínio aparentam seguir esse mesmo padrão que destoa das demais casas da região.

Então, chegando mais próximo, podemos ver o asfalto, construído pela própria empresa que possui os condomínios da rede Terras Alpha, sem nenhuma intervenção do município. É possível vermos a existência de duas vias: a de terra “conectada” ao loteamento de chácaras e a de asfalto “conectada” ao condomínio de residências. Não há nada que separe ambos leitos carroçáveis, porém, ainda sim, uma divisão clara e proposital? Uma divisão definida, não um espaço de transição, com barreiras não literais, mas visíveis.

Uma placa, do lado em que a estrada de terra permanece, carrega a propaganda de um comércio de hortaliças, com a indicação de suas redes sociais e dos meios de contato, o que nos retoma a pergunta: o que divide o rural e o urbano? Agricultura que marca presença nas redes sociais. A compra e venda pela internet é urbano ou rural?

Seguindo em frente, as duas vias se tornam asfaltadas em frente à saída do condomínio, marcada por um posto de gasolina em construção e um totem que marca o território. A verdadeira entrada, aquela com porteiros e catracas, é mais distante, fora de vista pelo percurso. Próxima e distante.

Ao seguir em linha reta até o ponto urbanístico que direciona ao centro urbano de Senador Canedo ou à GO-020, um totem se destaca em uma rotatória municipal, elemento visual que carrega o nome do condomínio de maneira semelhante a de um proprietário da região. O destaque ao privado em uma área pública.

No retorno ao ponto inicial, em duas das três idas a campo, um ônibus de Goiânia chega até o condomínio, para e depois faz o retorno, marcando ali seu ponto final na região. Com isso poderíamos considerar que aquela parte é reconhecida pelo município de Goiânia como tal. Mas por qual razão? A ida e a vinda de trabalhadores do condomínio e de trabalhadores contratados pelos moradores.

Aos poucos, o asfalto vai sendo deixado para trás, assim como os muros de aspecto interminável, grama podada e postes de luz branca. O retorno ao ponto inicial é finalizado.

3.4 - Aquilo que fotografias mostram

Mais do que um relato, as idas ao local renderam inúmeros registros fotográficos. E como aprendemos ao longo deste trabalho, cada imagem carrega informações e intenções, porém, para o novo exercício, vamos inverter a nossa posição que

ocupamos até então, que era a de observadores, e partiremos para a de criadores das imagens, tentando nelas imbuir intenções para futuros observadores.

A partir disso, juntamos as idas in loco à produção de fotografias de maneira a identificar as sobreposições entre aquilo considerado rural e urbano, na zona de transição estudada. Com registros de locais e situações que atraem o questionamento daquilo que é considerado cidade.

Isso aliado a execução de fabulação relacionada às fotografias. Le Guin fez muito uso do método fabulatório ao longo de seus trabalhos, buscando mais pontos de vista e possibilidades que estão além do socialmente reconhecido. Como em seu trabalho "A teoria da bolsa da ficção"(1986), no qual explora a ideia das bolsas que carregaram os alimentos terem tido gigante importância para a evolução humana, não apenas das ferramentas afiadas e contundentes.

Este método nos permite uma visão mais sensível sobre o local, ao imaginar as possíveis vidas daqueles que fazem uso e vivem no local de estudo. Isto cria uma maior conexão ao local permitindo ver além das imagens e as possibilidades de como aquela paisagem está relacionada a essas vidas e como a sua mudança as afeta.

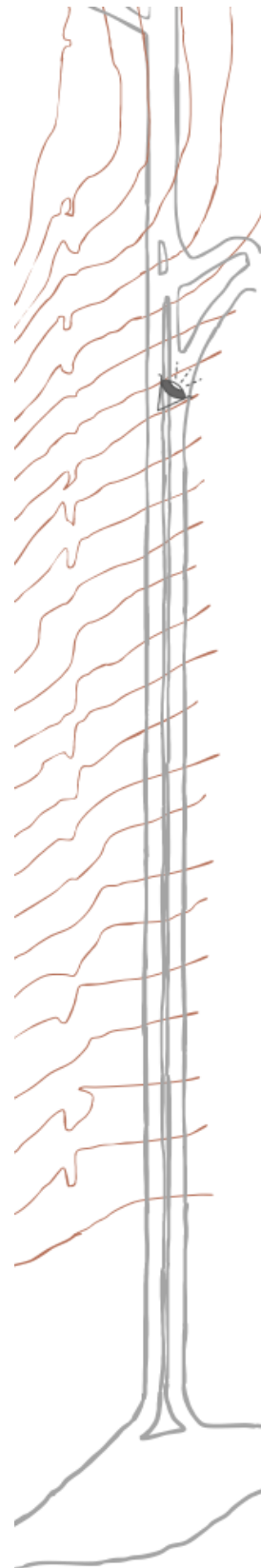
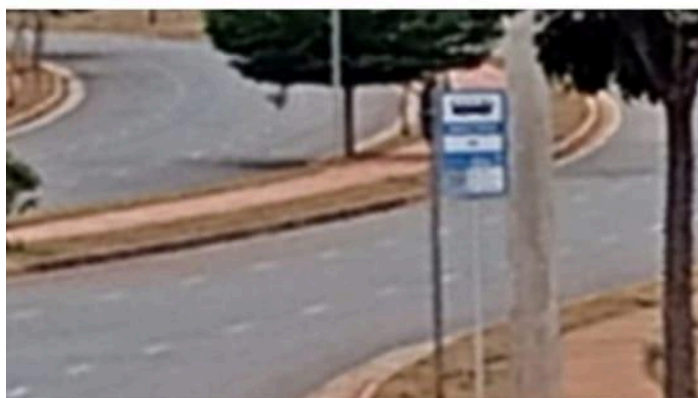
Com estes exercícios buscamos apontar as ditas características dicotômicas rural-urbanas, sobrepondo-as e as questionando, expondo o efeito que causam em uma caminhada atenta, assim como comprovar que o urbano e o rural não são contraditórios.

3.4.1 - Exercício de Zoom

De que serve a ferramenta do zoom-in? O aumento de detalhes para aproximar aquilo que normalmente passa despercebido ou que se quer ver melhor. De maneira semelhante à utilizada no trabalho “Um arquivo às avessas: desaprender Goiânia em companhia multiespécie” (MARU, 2025), no qual a autora faz uso de uma imagem e posteriormente realiza uma colagem com o uso do zoom-in em diversos pontos dessa imagem aos quais ela deseja chamar a atenção do leitor, a fim de que acompanhemos seu raciocínio a partir da imagem.

Nesse exercício aplicamos o uso do zoom-in com propósito análogo, de aproximarmos aquilo que parece pequeno na imagem, detalhes importantes que devem ser destacados. Diferente de produzir uma foto próxima de um determinado elemento de maneira a fazê-lo o único destaque, o uso da ferramenta zoom-in em uma fotografia não apenas apresenta coisas, aponta determinados elementos significativos dentro do contexto da imagem.

Figura 15 - Zoom-in 1



Fonte: Autoria própria, 2025

Próxima à entrada do condomínio, há um ponto de ônibus, que não existia antes da construção condominial e da vinda de seus moradores. Após cerca de doze anos vivendo na região, a vinda do transporte público é chamativa.

Quem este ônibus carrega? Trabalhadores. Mas que tipo de trabalhadores? Possivelmente uma mulher, com cerca de 50 anos, que trabalha desde antes de se tornar legalmente adulta, que acorda muito antes do sol nascer para pegar uma sequência de ônibus que a trazem, de onde ela parte a pé até a residência na qual faxina três vezes por semana, em um trabalho braçal constante, que distribui dores às quais já se resignou. Que realiza o seu trabalho repetitivo até o pôr do sol, quando retorna a pé até o ônibus. Durante o longo trajeto de retorno, em que pensa? No seu aniversário que se aproxima, assim como em sua suspeita de que seus filhos estejam tentando surpreendê-la no dia, ela sempre sabe quando estão aprontando algo. Se questiona se estão preparando uma festa ou um presente, mas sabe que lhe fará feliz, independente do que seja. Continua teorizando por toda a viagem, ansiosa para que os próximos dias passem mais depressa.

O ponto de ônibus, logo à porta de um condomínio fechado, não são os moradores que o utilizam. De dentro dos portões saem carros de elevado valor monetário, desde SUVs a carros esportivos, percebidos durante as realizações do trajeto, todos indo e vindo na direção da estrada que leva à Goiânia. Nas mesmas idas ao local, nenhuma pessoa foi avistada ali, esperando o ônibus, nem mesmo escondida do sol pela sombra da pequena árvore próxima.

Além de tudo, por que a parada de ônibus fica ali, na curva de entrada do condomínio e não na via reta, alguns metros antes? Sob uma interpretação pessoal, um indicativo que o condomínio é o único destino pensado para trazer aqueles que fazem uso do ônibus. A parte “urbanizada” do local se separa ao máximo da considerada “ruralizada”.

Figura 16 - Zoom-in 2



Fonte: Autoria própria, 2025

O retorno de um ônibus vindo do ponto é capturado. Um ônibus cuja origem pode ser vista: Goiânia. Mas de que parte da capital? E os usuários deste transporte

seriam mesmo originários da capital ou teriam vindo de outras cidades satélites, pego ônibus anteriores até Goiânia, que os distribui até essa divisa entre Senador Canedo e Caldazinha?

Existe entre eles um morador de Caldazinha que precisa entrar no ônibus de Goiânia para chegar até esse ponto de ônibus que fica entre os limites sua própria cidade e Senador Canedo. Um porteiro do período noturno, que pega o ônibus para ir ao serviço enquanto a maioria das pessoas está retornando. Passando a noite em claro, enquanto os moradores dormem, mas em um fim de semana em que alguém decide fazer uma festa, sua noite de trabalho é movimentada. Muitos visitantes, muitas ligações, muitas vezes em que precisa fazer perguntas e abrir a catraca. Se questiona sobre o que se trata a comemoração, para tantos convidados. Com o passar da madrugada, alguns carros convidados fazem o retorno em retorno as suas residências. Seu turno normalmente é solitário, mas não foi essa noite; alguns convidados simpáticos lhe contaram piadas e histórias curtas sobre a festa. Ao liberá-los vê rostos cansados e sorridentes. Com o retorno do Sol e a chegada do cansaço já se prepara para a sua partida e a chegada dos outros.

Por que um ônibus de Goiânia chega até este ponto e não um de Senador Canedo? A cidade possui um terminal rodoviário, mas os ônibus que trazem trabalhadores para o condomínio não vêm de Senador Canedo. Os habitantes de Senador Canedo trabalham então em Goiânia ou, conforme possibilitado pela questão anterior, provavelmente partem até Goiânia e depois são redistribuídos pelos terminais de Goiânia até outros municípios.

Figura 17 - Zoom-in 3



Fonte: Aatoria própria, 2025

Entre um muro contínuo e uma cerca viva, depois de uma via asfaltada e uma calçada pavimentada, um pequeno caminho de terra pequeno demais para a

passagem de um carro. Onde este caminho desenhado pelo caminhar leva? Um caminho entre muros que chega a um ponto final. O que ele seria? Possivelmente uma área de mata, onde os moradores vão para entrar em contato com a natureza, se desconectarem das complexidades do dia a dia, levarem as famílias para um descanso sob a sombra das árvores.

Quem passa por ali? Grupo de trabalhadores, homens caminham solitários, pessoas montadas em cavalos, pessoas a pé guiando alguns poucos animais. Infelizmente durante as realizações do percurso, não foi possível observar os usuários deste caminho. Cabe a nós imaginarmos para além da imagem.

Dois homens caminham a pé, lado a lado, cedo, todos os fins de semana, há anos. Vão em direção à mata para tentar pescar por um pequeno córrego, no momento de relaxamento e renovação da amizade entre os dois. Mais tarde, quando se cansam ou concluem seu objetivo de pescar, retornam pelo mesmo caminho e voltam à casa de um deles, onde juntos almoçam os peixes. Contam histórias aos filhos que estão ao seu redor, riem dos causos contados e pedem para irem juntos da próxima vez.

Há quanto tempo este local de passagem foi moldado, antes ou depois do muro? Digamos que antes, talvez não com o mesmo traçado, mas com o mesmo destino. O caminho já existia, foi barrado pelos muros e cercas, mas em vez de deixar de existir, se moldou entre as brechas e continuará a fazê-lo enquanto houver um destino e aqueles que o conhecem. Isso não mudará, independente da transição do rural para o urbano, pois se arranjará um caminho, independentemente das “diferenças”.

Figura 18 - Zoom-in 4



Fonte: Autoria própria, 2025

Uma entrada de terra com um rastelo curiosamente preso ao baixo portão de entrada, pendurado em uma árvore ao lado um cartaz que promove um produto.

Por que esse rastelo está pendurado no portão? Significaria alguma coisa? Em todas as idas a campo este rastelo esteve lá, naquela posição. Poderia ser uma "gambiarra" para manter o portão fechado. Ou poderia ser um marcador, um elemento significativo para aqueles que procuram este endereço sejam capazes de identificá-lo rapidamente. "Portão baixo que tem um rastelo" , identificável para visitantes, compradores ou entregadores.

Por que é um portão tão baixo, indicaria a segurança do bairro? Algo que contrasta com os muros vistos ao longo do trajeto. Não há medo de que haja uma invasão. O muro e a cerca-viva são baixos em um terreno cuja edificação não é vista ao passar pela rua, tamanha a sua distância deste portão. Um invasor não seria visto por um habitante da residência, mas não há o medo que os residentes do condomínio, cercado de muros e de vizinhos próximos possuem. Seria tão diferente assim os riscos de roubo por um ser rural e os outros serem considerados urbanos?

E sobre os produtos que o cartaz promove, uma venda de hortaliças, que contêm redes sociais para maior formato de contato e venda. A venda de produtos agrícolas é comumente associada ao rural. Uso de redes sociais para promover algo, é comumente associada ao urbano. Este cartaz é uma das maiores provas de que o rural e o urbano não são separados, características não são restritas ao rural e a urbana, podem coexistir e coexistem.

Figura 19 - Zoom-in 5



Fonte: Aatoria própria, 2025

O centro urbano se aproxima pelo horizonte, logo após um campo aberto. Há quanto tempo ele está visível no horizonte? Para quem passa rápido e desatento,

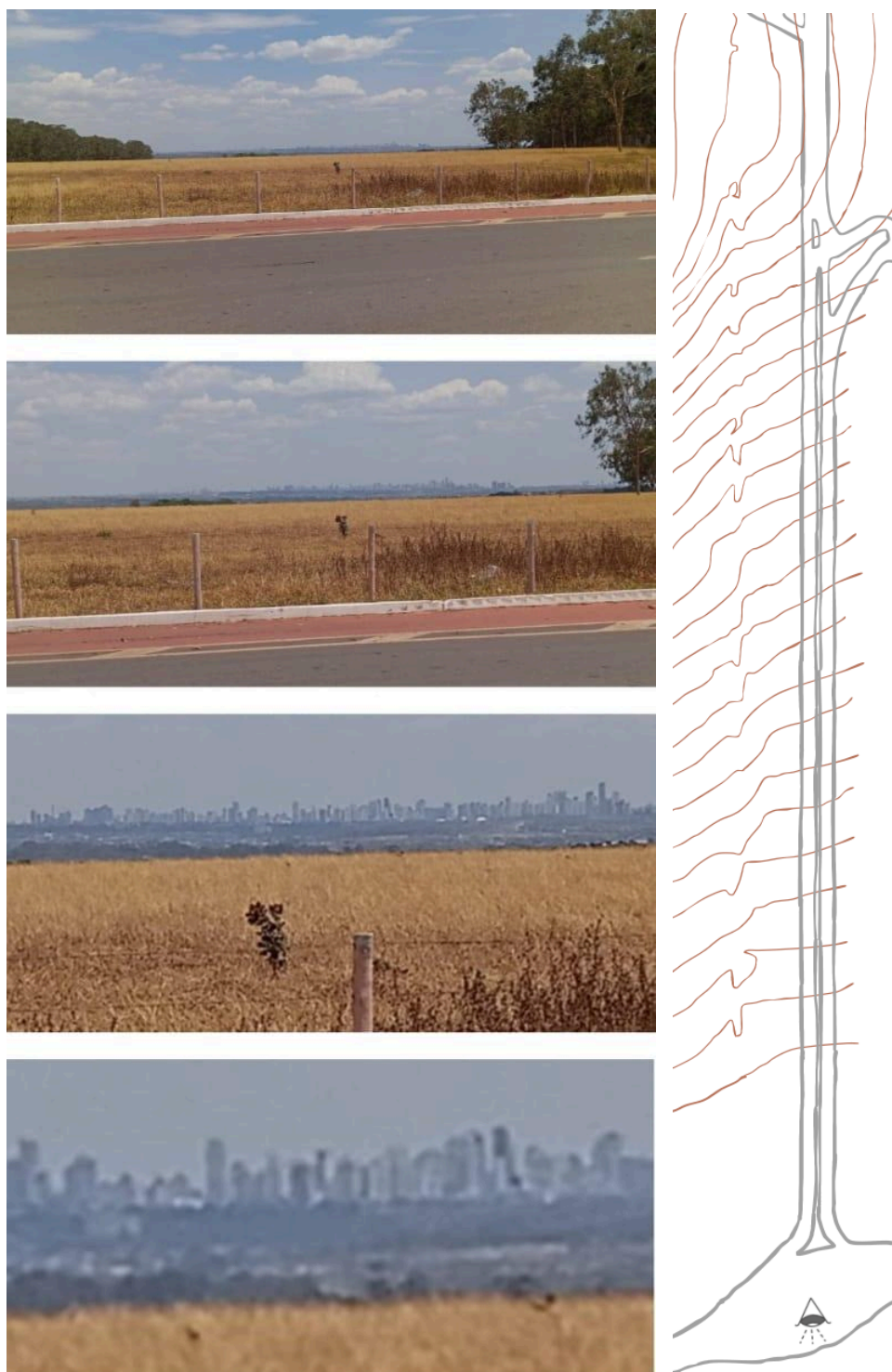
nem percebe a aproximação. Teria sido essa aproximação notada antes da realização deste trabalho? Com o movimento do dia a dia e o costume com aquela paisagem, mudanças não muito abruptas passam quase despercebidas pelos habitantes. Exceto quando paramos para olhar o antes e o depois de uma paisagem ou quando olhamos buscando por algo.

As casas, de um pavimento em sua maioria, quem as habita? Teriam nascido “canedenses” ou se tornado? A cidade cresce em velocidade impressionante, provavelmente então são novos moradores do município. Fugindo das altas taxas de moradia de Goiânia, vem com esperança de terem um lar em Senador Canedo, continuando o seu trabalho na capital do estado, mas se abrindo no município vizinho. Ou poderiam eles terem vindo de outro estado, em busca do emprego trazido pelas indústrias que se estabeleceram na cidade.

A edificação mais alta, o que seria ela? Uma residência maior ou um comércio? Um bairro novo com novas pessoas, um comércio é mais do que necessário para abastecer a elas. Talvez seja um pequeno mercado ou um comércio familiar com residência no andar de cima, possivelmente os proprietários, aqueles que construíram o local, já pensando em seu sustento. Ao comprar um terreno naquele novo espaço, pensaram no comércio no térreo e em morarem no andar superior, como muito se vê. Um local onde poderiam ser proprietários da própria loja ou alugar para que outros comercializassem ali, assim como habitar.

Será este campo aberto tornado residencial? Em quanto tempo? Em cerca de cinco anos talvez, o município adquira o terreno e desenhe um novo bairro para mais pessoas que imigram para o município em busca de uma vida melhor. A cidade não aparenta investir em verticalização de si mesma, ao que a paisagem nos revela, então se mostra a necessidade do centro urbano de consumir este espaço com a malha urbana.

Figura 19 - Zoom-in 5



Fonte: Autoria própria, 2025

Após um grande pasto, seco de vida, ausência de chuvas no momento da foto, é possível avistar em Goiânia. Quase alinhada ao horizonte, com seus edifícios em altura despontando na paisagem. A distância entre os dois municípios parece

mais curta deste ponto de vista. Algum dia, no futuro, este pasto teria uma via a mais para ligar Senador Canedo a Goiânia? Provavelmente.

Considerando como a proximidade de Goiânia é algo valorizado, podemos visualizar uma estrada se formando na imagem. O proprietário venderia essas terras? Caso o fizesse, qual seria o destino dos arredores dessa via? Repleto de novos estabelecimentos comerciais, ou de residências ou um espaço não construído, como em muitas outras vias expressas entre cidades, que ainda pertença aos mesmos proprietários, mas com as terras divididas .

Possivelmente, uma família que possui as terras vistas na foto já recebeu propostas de compra de seu terreno ou parte dele para a construção de uma estrada, porém a quantidade de dinheiro que foi oferecida não foi o suficiente para fazer um negócio. Talvez alimentado por uma ganância, por apego ao local ou por sua renda se estabelecer ali, por aquele pasto. Talvez uma junção dos fatores.

A cidade no horizonte consumiria todo o caminho e refletiria a sua imagem em Senador Canedo? A ponto de se tornarem indissociáveis de maneira semelhante a Aparecida de Goiânia ? O aspecto misto do local se perderia ou resistiria? Haveria um espaço resistente e outros seriam modificados? Em 10 anos toda a região estará urbanizada, em 20 anos os primeiros edifícios em altura surgirão e todos aqueles que buscaram o ambiente rural-urbano partiram desse local para uma cidade mais distante, mas não distante o suficiente para se desvincular.

3.4.2 - **Espelhamento e colagem.**

Espelhos são objetos que refletem as imagens à sua frente, e também podem causar ilusões de ótica dependendo da função que aquele que o produz determina. Neste exercício, o espelho distorce a imagem de maneira a expandi-la mas também a dobrá-la.

Já a colagem inquire a justaposição de materiais ou, como neste caso, imagens com a intenção de formar outra figura, neste caso, completar a extensão de um muro. A colagem é algo que pode montar outras figuras completamente novas ou aquelas que já existem. Tudo depende da intenção de quem acordou e, nesse caso montar as peças de modo que passem a mensagem sobre a sensação de se caminhar ao lado deste grande muro, Ao conectar as imagens Vinícius do muro e alinhar as ruas e a vegetação de maneira coerente ao observador

Figura 20 - Espelhamento.1



Fonte: Autoria própria, 2025

Figura 21 - Espelhamento.2



Fonte: Autoria própria, 2025

Um muro contínuo até onde a vista alcança refletido para que se copie a ilusão gerada pela sensação de estar no local onde esse muro se posiciona. O impacto que este mundo cria, vai além da ilusão criada pela imagem, ela reforça como ele separa e desconforta o caminhante.

Pelas construções sociais, a ideia dos muros foram associados a proteção, uma que apenas para aqueles que estão dentro deles, aqueles que estão fora sofrem os efeitos de sua imponência e tamanho.

Um muro físico que nos exemplifica bem os muros ideológicos. Ambos têm a mesma função: manter coisas dentro e coisas fora, manter separado e nunca em conjunto. Sem escalar o muro é impossível saber o que há dentro, podemos supor várias hipóteses: Há uma grande chácara com um pequeno pomar, um pomar particular reservado apenas para família residente. Não importando se as árvores frutíferas perdem mais frutos do que a família consegue consumir ou que as pessoas podem respeitar o espaço sem que a vista dele seja bloqueada.

Esse aspecto social de separar em vez de unir, de se encontrar "um meio termo".

4. Considerações finais

Através de um olhar inicialmente histórico, passando para um olhar mais atento a imagens e aquilo que vai além delas, de um pensamento que considera o contexto em que cada imagem se encontra, este trabalho buscou a demonstração de que a separação entre urbano e rural é falsa e como ambos ambientes “coexistem”, não só no local de estudo, mas ele nos serve como exemplo e prova dessa afirmação.

“Entre um muro contínuo e uma cerca viva, depois de uma via asfaltada e uma calçada pavimentada, um pequeno caminho de terra pequeno demais para a passagem de um carro”. Essa frase ilustra um exemplo do que se trata esse trabalho, a prova de que o rural e urbano não são separados. A imagem que se cria deste local não se encaixa nessa divisão que foi estabelecida, ela possui as características que foram associadas ao que foi concebido que diferenciava e, conseqüentemente, separaria ambas.

Uma cerca viva, um caminho de terra, o tamanho deste caminho não permitir a passagem de um carro foram características associadas a rural. Muros contínuos, vias asfaltadas, calçadas pavimentadas, foram características associadas a um urbano. Ambos no mesmo espaço, na mesma paisagem, o que são? Ruralidades urbanas, urbanidades rurais como diriam os autores Cacá Fonseca e Pedro Britto. Ao longo deste trabalho, pudemos comprovar a inexistência desta divisão e também chegarmos ao produto final, que exemplifica e sintetiza a quebra destes conceitos divisivos.

Após todo o processo de execução deste trabalho, observações, questionamentos e conclusões, foi elaborado um produto que sintetiza este trabalho de conclusão de curso, através da fotografia, questionamentos e frases que buscam levar a reflexão sobre o tema.

Link para acesso a imagem virtual do produto:
<https://www.canva.com/design/DAG6M9YA9oo/pQCYkB1RZq6scLE48Vcv3w/edit?>

[utm_content=DAG6M9YA9oo&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton.](#)

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Thays Fregolent de. Um Brasil em movimento: a marcha para o oeste. USP, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 337-345, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268353838.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2025.

AZEVEDO, R. M. de. Uma Ideia de Metr pole no Século XIX. Revista Brasileira de História, v. 18, n. 35, p. 165–183, 1998. DOI: 10.1590/S0102-01881998000100007. Acesso em: 18 abr. 2025.

BORGES, Barsanufu G. A economia agrária goiana no contexto nacional (1930-1960). História Econ mica & História de Empresas, v. 3, n. 2, 19 jul. 2012. Disponível em: <https://www.abphe.org.br/arquivos/barsanufu-gomides-borges.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2025.

BRAGA, Leonardo Izoton Braga. Metamorfoses da experiência urbana: entre a modernidade, o arcaico e o contemporâneo. Orientador: Rita de Cássia Lucena Velloso. 2021. Tese (P s-Gradua o em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, [S. l.], 25 out. 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/61153>. Acesso em: 18 abr. 2025.

CARMO, Renato Miguel. A constru o sociológica do espaço rural: da oposi o   apropria o. Sociologias, n. 21, p. 252–280, 2009. DOI: 10.1590/S1517-45222009000100011. Acesso em: 18 abr. 2025.

CHAUL, N. F. Goiânia: a capital do sertão. Revista UFG, Goiânia, v. 11, n. 6, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48235>. Acesso em: 20 abr. 2025.

DIAMOND, Jared M. Armas, germes e a o. Tradu o de Sylvia Souza Costa, Cynthia Cortes e Paulo Soares. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora. Tradução de Analia C. Torres. Porto: Afrontamento, 1975.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 12. ed. São Paulo: EdUSP, 1995.

FONTES FILHO, Osvaldo. Uma "imagem repensada interminavelmente": notas em torno de Imagens apesar de tudo, de Georges Didi-Huberman. História da Historiografia, Ouro Preto, v. 14, n. 37, p. 201-219, set.-dez. 2021. DOI: 10.15848/hh.v14i37.1808. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1808>. Acesso em: 11 jun. 2025.

GIMPEL, Jean. A revolução industrial da Idade Média. Tradução de Álvaro Cabral. Edição para o Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

GIORDANI, Mário Curtis. História dos reinos bárbaros. Petrópolis: Vozes, 1970. E-book (232 p.).

GUERRAS, Maria Sonsoles. Os povos bárbaros. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

HARARI, Yuval Noah. Sapiens: uma breve história da humanidade. Tradução de Janaína Marcoantonio. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. A Era das Revoluções: 1789-1848. 33. ed. [S. l.]: Paz e Terra, 1962. v. 1. E-book (315 p.).

IMPARATO, Marcella Nicoli Sousa. Imagens em Georges Didi-Huberman. 2023. 159 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-22052023-104858/publico/2022_MarcellaNicoliSousaImparato_VOrig.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.

JUNIOR, Rui Ferreira Barbosa. A Urbanização das Cidades. In: JUNIOR, Rui Ferreira Barbosa. A Urbanização das Cidades. Orientador: Moacir José dos Santos. 2014. Tese (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional) – Universidade de Taubaté, [S. l.], 2014. p. 12. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/57108902/MPH1081_1427392152-libre.pdf?1533067142=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DMPH1081_A_URBANIZACAO_DAS_CIDADES.pdf&Expires=1745855616&Signature=g5n7rKE7flQ2NzFDzs9ZfAiqrJa7sMNLgLbeaz8XWlUzLqTWX87Jw-gSZ9em-705r8htHhy6a7MOXUEMb8miopQQVTQ9Re~0hItWdgtmyzYgl0Dr1a2IehqEKeIP3~tMmgpWrOCspHyKjOJ8siQu9sW1PSm8IlISbHOyIJS9ZLWNPX90uClIqAGqMQM1aXly8AetTNG68eB-HxdkwUgQbpRK6skM0I743ljfPpAI59uVSyoiTPmc-iGnE3IVTcE9EbMzfZ1RJduWDl4qjj8VGAiomi0Bx0pZK12XE0A-olWWsbzU7yBknPYu4~6qqcscBmBAmBR6cdlNLT7qi7GJQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 25 abr. 2025.

LE GOFF, Jacques. A civilização do Ocidente Medieval. Tradução de Monica Stahel. Petrópolis: Vozes, 2016.

LE GUIN, Úrsula. A teoria da bolsa da ficção. 1986.

MARQUEZ; GALUPPO; ROCHEBOIS; MUSA. Três Fotografias. Entre Imagem e Escrita Aracy Esteve Gomes e a Cidade de Salvador. 354 - 373 p. 2019. Disponível em: https://www.geografiaportatil.org/files/EIE_miolo%20R01.pdf. Acesso em: 06 jun. 2025.

MARU, Ana Flávia; RAMOS, Gabriel Teixeira. Duas fotos, dois olhares: exercícios de escritas sobre fotografias. Revista Jatobá, Goiânia, v. 1, 2025 (no prelo).

MARU, A. F. M. Um arquivo às avessas: desaprender Goiânia em companhia multiespécie. 2025. 144 f. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2025.

RIOS e cidades: uma longa e sinuosa história... Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 124–153, 2016. DOI: 10.35699/2316-770X.2013.2693. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2693>. Acesso em: 20 maio 2025.

SALGADO, Tathiana Rodrigues. Atividades comerciais durante o período colonial em Goiás – Brasil. *Mercator*, Fortaleza, v. 18, e18015, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mercator/a/phZB7QPnwcXKsx5QPj4kdwD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2025.

VILELA, Sidney Carvalho; NASCIMENTO, Bianca. *Senador Canedo: marcas no tempo*. Goiânia, GO: Central Gráfica, 2025.

Referências fílmicas:

ENTLER, Ronaldo. Um minuto para uma imagem - Agnès Varda. [s.l.], 2011. 1:54. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QUQpYs9I4L8>. Acesso em: 10 de jun 2025

ENTLER, Ronaldo. Um minuto para uma imagem: apresentação - Agnès Varda. [s.l.], 2011. 1:32. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VODswDSXbWA&t=3s>. Acesso em: 10 de jun 2025.

FONSECA, Cacá. Livro objeto Guia de Ruralidades Urbanas, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/ptAMoh8T-6s?si=D3SC9YerdxK-NpSC>. Acesso em: 20 de nov 2025.

Referências sites:

Agnès Varda: Um Minuto por Imagem. Instituto Moreira Sales, 2014. <https://revistazum.com.br/radar/agnes-varda-um-minuto-para-uma-image-m/>. Acesso: 07 jun. 2025

A história de Senador Canedo. Câmara Municipal de Senador Canedo. [s.d] <https://camaracanedo.centi.com.br/pagina/historia>. Acesso: 05 jun. 2025

<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/arquivo-pessoal/gc/audiovisual/aspectos-das-obras-de-construcao-da-cidade-de-goiania/>. Acesso: 02 jun. 2025

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1134342178693467&set=pb.100063530872421.-2207520000>. Acesso: 02 jun. 2025

https://www.google.com/maps/@-16.7470458,-49.0847144,3a,75y,133.59h,76.41t/data=!3m8!1e1!3m6!1sPAPucY1tJBXId2UVyZJqFw!2e0!5s20210801T000000!6shttps:%2F%2Fstreetviewpixels-pa.googleapis.com%2Fv1%2Fthumbnail%3Fcb_client%3Dmaps_sv.tactile%26w%3D900%26h%3D600%26pitch%3D13.589218020854915%26panoid%3DPAPucY1tJBXId2UVyZJqFw%26yaw%3D133.58737017629988!7i16384!8i8192?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI1MDYxNy4wIKXMDSOASAFQAw%3D%3D
Acesso: 19 jun. 2025

Aspectos das obras de construção da cidade de Goiânia. FGV CPDOC. [s.d.] <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/arquivo-pessoal/gc/audiovisual/aspectos-das-obras-de-construcao-da-cidade-de-goiania/>. Acesso: 02 jun. 2025.

MELO, Thauany. Senador Canedo é a cidade brasileira com mais de 100 mil habitantes que teve maior crescimento populacional. G1, Goiás, 28 jun. 2023. Disponível em:

<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2023/06/28/senador-canedo-e-a-cidade-brasileira-com-mais-de-100-mil-habitantes-que-teve-maior-crescimento-populacional-com-salto-de-843percent-aponta-censo.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2025.

GONÇALVES, Rodrigo. Senador Canedo vai de vila a geradora de emprego com mais de 60 empresas. G1, Goiás, 01 jun. 2019. Disponível em:

<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2019/06/01/senador-canedo-vai-de-vila-a-gerador-de-emprego-com-mais-de-60-empresas.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2025.

LEITE JÚNIOR, Edson. Expansão urbana de Senador Canedo leva condomínios fechados para a região. *Jornal Opção*, Goiás, 22 out. 2023. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/expansao-urbana-de-senador-canedo-leva-condominios-fechados-para-regiao-542500/>. Acesso em: 17 set. 2025.